

JORNAL

adunicamp

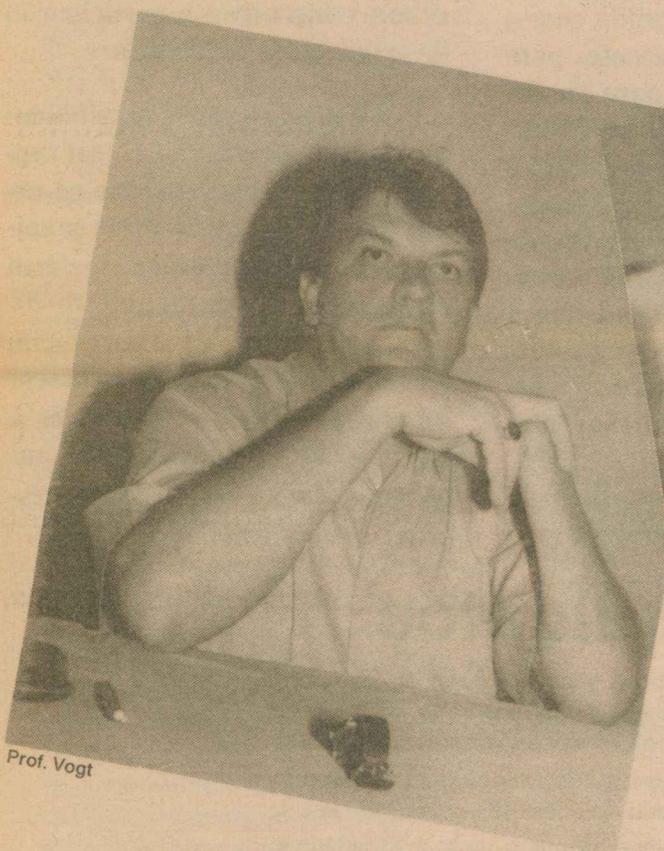
ANO 10

FEVEREIRO

90

Ivete

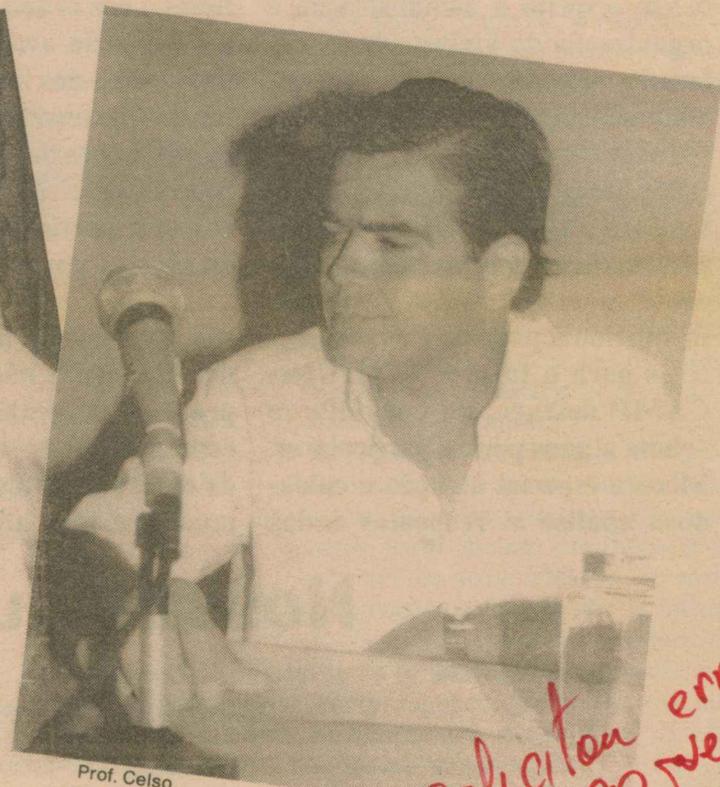
DEBATE COM



Prof. Vogt



Prof. Hermano



Prof. Celso

*Hermano solicitou emenda,
com relação ao que está
colocado na página 15*

REITORÁVEIS

*Verificamos se é
erro de transcrição*

NOVOS ENCONTROS

Dia 7 - 14 horas - Campus de Piracicaba
Dia 8 - 14 horas - Salão do IMECC
Dia 21 - 14 horas - APEU III
Em Limeira e na FCM - a confirmar.

VAMOS PARTICIPAR DOS DEBATES PARA VOTAR SEM MEDO DE MUDAR

EDITORIAL

1990. Tempo de escolha de Reitor. Tempo de discussão, do debate de idéias, da luta entre o velho e o novo, tempo de mudanças. O debate com os reitoráveis promovido pela ADUNICAMP dá início à campanha pública aberta e ao confronto das propostas para a UNICAMP hoje. Contribuí, dessa forma, para que a campanha saia dos círculos restritos dos gabinetes institucionais e ganhe corpo e expressão no livre debate de idéias que a comunidade universitária ansiosamente espera.

Este primeiro debate pode tratar unicamente de questões que dizem respeito à administração e organização da Universidade, cobrindo aspectos de sua estrutura administrativa e democratização. Os docentes encontrarão nas diferentes propostas, diferentes projetos para a UNICAMP. Encontrarão também interpretações diferentes sobre nossa experiência institucional passada e as perspectivas para o futuro. A ADUNICAMP destaca, do conjunto do debate alguns pontos particulares. Merece especial atenção e cuidadosa análise as respostas dadas

pelos candidatos às questões encaminhadas pela Diretoria da entidade. Nosso editorial seria insuficiente para debater detalhadamente tais propostas. Esperamos fazê-lo proximamente através de um Boletim extraordinário, antes da votação do 1º turno. Neste curto espaço, enumeramos essas questões e manifestamos nossas dúvidas e preocupações com relação a elas.

No que respeita à avaliação acadêmica, preocupação manifestada pelos 3 candidatos, Ficaram pendentes questões como: a forma de participação da comunidade acadêmica na definição das diretrizes e dos critérios de avaliação; a necessária avaliação da administração e das instâncias dirigentes da Universidade; o necessário envolvimento dos departamentos e coordenações de curso nesse processo; a participação crítica dos estudantes nas etapas do processo; a participação dos funcionários e servidores técnicos - de forma coletiva e não individual no processo de avaliação a que são constantemente submetidos. Ainda com relação à avaliação, causa preocupação a afirmação de que

os critérios de alocação e distribuição orçamentária devem atingir o nível de qualificação cada vez maior, através de um processo de avaliação de produtividade dos resultados da qualidade dos trabalhos acadêmicos. Como os candidatos pretendem abordar essa questão? Qual a proposta concreta no sentido de envolver o conjunto a comunidade nesse processo?

Nos próximos debates deverão necessariamente abordar essas e outras questões ainda pendentes. Do ponto de vista da ADUNICAMP, temos várias reivindicações a serem debatidas com os candidatos. Parte de nossa pauta está sendo discutida com o Conselho de Representantes para posterior divulgação para os docentes. Nossa tarefa será ampliá-la com as questões relativas à política científica e acadêmica, envolvendo a pós graduação, núcleos e centros e Fundos de Amparo à Pesquisa; questões como a política de extensão e de graduação, valorização da docência, carreira docente e qualificação, entre outras.

Neste momento-privilegiado para as discussões acerca do pro-

jeito de Universidade, para o aprofundamento das grandes questões relativas às definições políticas mais abrangentes, — é fundamental para o avanço do movimento dos professores a ampla participação em todos os debates, questionando os candidatos sobre suas propostas e seu projeto de Universidade. As decisões sobre nossa vida acadêmica, sobre o presente e o futuro da UNICAMP não podem restringir-se às articulações ao nível das instâncias administrativas e das vias institucionais. Devem alcançar todos os setores e segmentos, fundar-se no amplo debate e incentivar a participação da comunidade universitária.

De nós depende a possibilidade concreta de exercer a real ruptura e transformar em voto na urna as críticas tantas vezes manifestas a uma estrutura que tem restringido o aparecimento do verdadeiro novo, da divergência, do pluralismo de idéias e do desejo de mudanças es que tornem a UNICAMP verdadeiramente autônoma, democrática e progressista.

Nossas questões aos candidatos

1 — Com relação à transparência administrativa, sabemos que com autonomia universitária e principalmente com autonomia financeira, garantida pelo decreto — que nós chamamos de Decreto dos 8,4% o gerenciamento e a distribuição dos recursos oriundos do ICMS são feitos agora pela própria universidade. No entanto, o conjunto da comunidade universitária ainda não tem acesso às informações relativas não só à arrecadação do ICM como aos critérios de distribuição e alocação destes recursos, principalmente com relação aos recursos extras orçamentários como só convênios, como por exemplo os re-

ursos que a Funcamp administra e os recursos administrados pela FAP. Quando reitor, de que maneira este problema vai ser solucionado?

2 — Considerando que os estatutos da Unicamp elaborados e reformulados sob a égide da legislação do período mais autoritário da nossa história, o que reflete entre outros pontos numa excessiva concentração de poder nas mãos da reitoria; considerando ainda os anseios da comunidade interna e da sociedade por avanços no campo das liberdades democráticas, as mudanças instituídas na Constituição Estadual e

Federal, a necessidade da Unicamp proceder a uma profunda avaliação de seus objetivos, da sua forma de organização institucional de modo a garantir o pleno exercício de sua autonomia e de seus compromissos com a sociedade e, considerando ainda, o compromisso do Conselho Universitário de dar início em abril a um processo de adequação dos estatutos a uma nova ordem constitucional, como o candidato encaminhará o processo de modificações estatutárias de modo a garantir a participação do conjunto da comunidade interna e de setores representativos da sociedade?

EXPEDIENTE

Diretoria
Helena C.L. de Freitas - Presidente
Francisco Hideo Aoki - 1º Vice
João F.C.A. Mayer 2º vice
Tania Maria Alkmin - 1º Secretária
Maria Alice Garcia - 2º Secretária
Luiz Carlos de Almeida - 1º Tesoureiro
Wilson de F. Jardim - 2º Tesoureiro
Antonio C.S. Algate - Dir. Adm.
Luiz Fernando Milanez - Dir. Imprensa
Raquel Negrão Cavalcante Dir. Cultural

Planejamento Visual Gráfico



ALTERNATIVA
Assessoria de Comunicação

Rua Alberto Belintane, 41
Fone: 53-4863
Campinas-SP

"Jornal Adunicamp"
Publicação bimestral de Adunicamp
Associação dos Docentes da Unicamp.
Cidade Universidade "Zeferino Vaz"
CP6158 - Campinas-SP
Telefones: (0192) 39.1148 e 39.1301
Ramal 3152
Milanez (Adunicamp); Chefinho (FEE)
Trigueiros (IFGM)
Jornalista Responsável
Giberto Gonçalves - MTPS 11.576

O D E B A T E



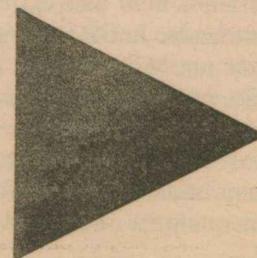
Na mesa, Prof. Vogt, Prof. Hermano, Chefinho, Helena e Prof. Celso

HELENA: A ADUNICAMP vem tentando marcar esse debate desde o final do ano passado. Na verdade a nossa intenção era já nos meses de outubro e novembro dar início a uma série de debates com vários temas de interesse dos docentes da UNICAMP. No entanto, por conta da sucessão presidencial, quando toda a nossa atenção — não só da entidade, como do conjunto da comunidade — se voltou para a discussão sobre a sucessão presidencial foi impossível levar a frente esse debate de uma forma mais organizada. Em dezembro tentamos marcar um debate e foi impossível devido às férias dos candidatos a reitor e de grande parte dos docentes. A nossa intenção com esse debate não foi inicialmente — pela própria data que está marcado — de um debate massivo, que contasse com ampla participação, porque nós sabemos que os docentes estão em férias. A intenção seria realizar um debate até mais fechado para que se pudesse ter uma discussão mais informal inclusive. No entanto, como essa seria uma decisão um tanto antipática, optamos por abrir este debate ao ní-

vel da comunidade e ainda assim publicá-lo na íntegra no jornal da ADUNICAMP. Dada esta explicação, eu chamo para a mesa os candidatos Carlos Vogt, Celso Arruda e Hermano Tavares. Chamo também o colega da comissão de imprensa, o Chefinho, antigo companheiro de diretoria para nos ajudar nos trabalhos aqui da mesa.

O debate vai se desenvolver da seguinte forma: teremos num primeiro momento, uma apresentação dos 3 candidatos com dez minutos para cada um; num segundo momento a mesa fará duas perguntas da diretoria da ADUNICAMP para os 3 candidatos e num terceiro momento o debate será aberto para o público quando as perguntas deverão vir por escrito para a mesa. No quarto momento, os candidatos farão uma pergunta para os outros dois, e, no final o último momento do debate: as palavras finais de cada um.

A ordem dos candidatos por sorteio é: primeiro Prof. Celso, segundo Prof. Hermano e terceiro Prof. Vogt.



PROF. CELSO: Bom dia. Nas minhas idas a universidades no exterior, tenho notado a despreocupação tanto da comunidade acadêmica, quanto do alunado, em relação a quem é o reitor dessas universidades. Nessas universidades do primeiro mundo, o reitor é escolhido muitas vezes até mesmo por meio de anúncio para administrar uma universidade. Na minha visão, essa despreocupação é correta. Eu acho até o Prof. Zeferino Vaz agiu de maneira semelhante à de um reitor do primeiro mundo. Usando um jargão da minha atividade de mecânico e de engenheiro mecânico, eu vejo o reitor como alguém que é um afinador de motores. Esse afinador tem a função dar condições ao preparo dos pesquisadores e dos educadores para o bom desempenho nos grandes prêmios acadêmicos, científicos, tecnológicos, artísticos ou culturais. Por outro lado, eu sei que existe uma expectativa da sociedade em geral, em relação a essa população, ao nosso alunado que posteriormente vai voltar ao convívio dela, pensando e atuando, colaborando sempre para melhorar o nível de vida dessa sociedade. É para isso que existe universidade! Nesse sentido, também entendo que a universidade deve servir de modelo, em todas as suas atividades. Nós não podemos, por exemplo, exigir que nosso país tenha uma política clara de ciência e tecnologia, sem improvisos, bem definida, que se perpetue ao longo de vários governos, se o mesmo não ocorre dentro da universidade. Porque o pessoal da universidade é que normalmente é chamado, nas mudanças de governo, ou num mesmo governo, para vir estudar essas políticas de ciências e tecnologia. Ora, se nós nos acostumarmos e improvisar dentro da universidade, certamente o órgão lá fora, onde formos representar a visão de nossa política de ciência e tecnologia também ficará impregnado da nossa prática interna. Daí a necessidade de termos, como já temos, um núcleo de política de ciência e tecnologia bastante ativo, vinculado, inclusive, como os órgãos financiadores, ditando a política de ciência e tecnologia, em nível nacional. Quanto à política salarial, por exemplo, em nosso país, devido aos problemas sociais que estamos vivendo, é muito comum a greve. A universidade, entretanto, deve ser o local onde as relações de trabalho sejam mais tranquilas. É o que espera a sociedade. E por quê? Porque nós temos condições de explicitar o gatos da universidade. Explicitar onde estão sendo alocados os recursos que recebemos da população e, nesse sentido, eu vejo uma obrigação das três associações em cobrar essa prestação de contas. **Burocracia.** Nós estamos num país extremamente burocratizado. Já conseguiram criar e extinguir um Ministério de Desburocratização, porém a burocracia continua cada vez mais forte. É de se esperar que, na universidade, onde existem recursos mais abundantes de informática do que em qualquer outro órgão público, se ex-

tinga a burocracia e se informatize o que puder ser informatizado... Se temos um pessoal no Núcleo de Estudos Constitucionais da UNICAMP, que pensou na constituição em nível federal e estadual, certamente esse pessoal deverá ser ouvido para que façamos uma estatuinte (que é uma das minhas propostas), uma vez que foi mudado o sistema de gerenciamento desta Universidade, desde que ela ficou autônoma. No resumo destas ponderações, podemos observar, por exemplo, na "Folha" de hoje, a questão da fila. A fila, quando acontece dentro da universidade e sai na primeira página do jornal, mas, quando acontece no INPS, não é tão gritante assim, porque é o esperado. O que é esperado na Universidade, contudo, é que dentro dela não ocorra o problema da fila, para que a sociedade possa captar dela, universidade, o modelo inventado para evitá-las. Enfim, nessas universidades do primeiro mundo, que é como a UNICAMP se vem qualifi-

ra afinar, a MÁQUINA DA UNICAMP, o procedimento por meio da estatuinte, de como usar todos esses recursos humanos que já existem, disponíveis, nesta universidade, para solucionar nossos problemas e assim se capacitar também para resolver os problemas da sociedade, de um modo geral.

Para finalizar a minha apresentação, eu gostaria de tornar minhas as palavras do nosso professor do Instituto de Economia, Prod. Luiz Gonzaga de Melo Belluzo, que, na posse do reitor da USP, disse que "a melhor política que se pode fazer na universidade é não fazer política com a universidade", o que, no meu entendimento, se traduz na possibilidade de a universidade ser um laboratório de idéias, onde todas as correntes políticas tenham condições de se expressar, sem que haja um interesse político partidário. Desta forma, eu me apresento como candidato, como alguém que está postulando, na condição



Prof. Vogt

**"Os
pró-reitores
devem
ter assento
no
Consu"**

cando, o que ocorre é muito mais a valorização acadêmica do que a valorização do professor na função administrativa. Nós deveremos ter essa valorização acadêmica principalmente à medida que descentralizarmos os orçamentos, colocando-os em nível departamental. Todos nós sabemos a representatividade de um chefe de departamento — justamente porque tem recursos na mão — dentro de qualquer universidade do primeiro mundo. Há nelas maior valorização do acadêmico, implicando uma menor valorização de atividades simplesmente administrativas ou burocráticas colocadas em mão do professor. Atividade, administrativa, no meu modo de ver, colocada para funcionário administrativo. Vejam que, nessas universidades que há pouco citei, o reitor é, muitas vezes, um administrador vindo de fora.

Eu acredito que como legado - caso eu seja eleito reitor - deixarei à UNICAMP, que já tem este ferramental pa-

de reitor, ser também o principal aluno desta universidade.

PROF. HERMANO: Antes de mais nada eu gostaria de agradecer à oportunidade que a ADUNICAMP nos oferece de podermos promover este primeiro debate que, acredita, são os momentos mais esclarecedores da campanha de escolha do futuro reitor. Eu aproveitarei os 10 minutos de que disponho para mostrar panoramicamente os pontos principais do meu programa.

Inicialmente eu gostaria de falar um pouco sobre a relação entre universidade e sociedade. Na minha visão de universidade, ela deve se submeter à sociedade que a financia, que a paga. Acho que na conjuntura que estamos vivendo é chegado o momento, nos próximos 4 anos que caracterizarão a próxima reitoria, de virar a universidade mais para o lado acadêmico privilegiando o mérito acadêmico com pluralismo de idéias e soluções. Dizer um "não" bem claro

ao partidarismo no sentido de que a universidade não deve ser aparelhada para satisfazer os desejos de um determinado partido. Ainda dentro do tópico de universidade e sociedade quero destacar um ponto que já é constitucional, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A gente deve se submeter à avaliações periódicas em torno destes 3 pontos que são as atividades fins da universidade. Esta avaliação periódica seria uma oportunidade da universidade se expor à crítica e de corrigir os seus rumos orientando suas ações futuras. Esta avaliação seria realizada por pares, com participação externa majoritária e chegando ao nível do departamento. Nós não deveríamos repetir o famigerado exemplo da lista dos improdutivos da USP. Este problema de avaliação é absolutamente necessário para o futuro da universidade e nós não deveríamos criar anticorpos à idéia chegando até ao nível individual.

O 3º ponto do meu programa se refere ao problema do ensino de graduação. Acho que por motivos históricos da época de sua criação, a nossa UNICAMP se dedicou mais declaradamente, de maneira mais deliberada ao ensino de Pós-Graduação e à Pesquisa. Acredito que nós fazemos atualmente na universidade uma graduação que está aquém das nossas possibilidades. Acho que, com um pouco de esforço, um pouco de vontade, nós poderíamos melhorar bastante a nossa graduação com um custo muito baixo. Para isso precisaria sinalizar em algumas direções de extrema importância: o principal ponto para se lograr esta melhoria no ensino de graduação seria a valorização do trabalho didático. Via de regra o trabalho didático é pouco valorizado na UNICAMP. Dever-se-ia estimular os professores mais experimentados a assumir os cursos básicos porque são nestes cursos básicos que se formam os alicerces do nosso futuro profissional e é absolutamente importante que a UNICAMP forme bons profissionais. Precisa ficar claro e explícito que os laboratórios de graduação são responsabilidade da universidade e na medida que a universidade não os assume esperando ações de organismos externos eles se deterioram e chegaram já em situações anteriores, aqui na universidade mesmo, a serem fechados. É necessário integrar biblioteca, salas de estudo e salas de aula. É necessário abrir o campus de noite, ter uma livraria, ter luzes acesas, biblioteca aberta, jantar farto, transporte a noite, etc, para dar um pouco mais de vida a esta Universidade e torná-la mais útil para a sociedade.

Considero também de grande importância para a nossa Universidade que ela normatize e intensifique seu esforço em torno dos cursos de extensão, que estão mostrando no mundo inteiro uma potencialidade até um pouco inesperada. É necessário que a UNICAMP se organize neste sentido porque eu creio que tem um potencial dos mais fortes e nós poderemos chegar a uma organiza-

ção em torno de cursos de extensão que seja quase tão volumosa quanto a de cursos de graduação e pós-graduação.

O ensino de pós-graduação é um dos pontos onde a UNICAMP se destacou desde o início do seu trabalho. Aqui dá para ser mais pontual. É possível colocar pontos de uma revisão, de uma reflexão que nós deveríamos fazer a respeito do ensino de pós-graduação com mais rigor na seleção, privilegiando a qualidade em detrimento da quantidade. Deveríamos melhorar as condições de abrigo e atendimento aos nossos alunos, ter uma expressiva maioria de alunos bolsistas, trabalhando em tempo integral. Deve haver um esforço, um estudo para reduzir o tempo de permanência no mestrado sobretudo, mas também no doutorado. Deve-se pensar no mestrado como o momento da formação acadêmica dando-se a maior importância aos cursos e aliviando o esforço sobre a tese. Em contraposição, no doutorado a gente deveria ter um trabalho de tese mais intenso e considerando a formação acadêmica já relativamente completa, insistir menos na parte de cursos.

Quanto à pesquisa, embora a UNICAMP não seja o paraíso da pesquisa, é óbvio que dentro do contexto brasileiro, ela ocupa uma posição destacada. Nós devemos continuar este esforço e há diversas atitudes já iniciadas, além de outras a iniciar que deveriam ser pensadas. Por exemplo, reforçar e aperfeiçoar o FAP — Fundo de Amparo à Pesquisa — que eu acho que se mostrou útil e oportuno. Deveríamos estreitar laços com as agências financiadoras CNPq, FAPESP, FINEP, CAPES, etc. Com a FAPESP, em particular, temos que estar muito atentos neste próximo ano de 1990. A nova Constituição Estadual dobrou o orçamento da FAPESP e, como a parte de bolsas é relativamente inelástica, vai acontecer de fato um expressivo aumento no atendimento a projetos. A UNICAMP, que surgiu já depois da criação da FAPESP, e nunca teve um bom espaço dentro da FAPESP, deve explorar um pouco agressivamente esta situação para ocupar um espaço maior dentro da FAPESP, que corresponda ao seu tamanho.

Eu gostaria de falar também sobre o Plano Diretor. Esta Universidade não pode mais continuar a ser gerida sem a

existência de um Plano Diretor. Imagine um Plano Diretor como alguma coisa que seja suprareitoral, isso pelo fato de que ele deve se estender por um período maior que 4 anos. Este Plano Diretor teria que estabelecer diretrizes a respeito de diversos assuntos. Um destes assuntos seria a criação de novos cursos ou ampliação, ou redução mesmo, de cursos existentes. Ele deveria se preocupar com o problema de capacitação do corpo docente, algo que a UNICAMP não pode mais deixar ao "laissez-faire". Deveria se preocupar mesmo com o problema de áreas físicas: nós temos atualmente aqui na UNICAMP uma certa situação de congestionamento, não existe mais metro quadrado para construção, de maneira clara. Deveria se preocupar em montar diretrizes, parâmetros para a elaboração de um orçamento. Deveria existir um orçamento plurianual, não tão detalhado como um orçamento anual, para orientar melhor o futuro da UNICAMP.

Outro ponto que eu julgo da maior importância para a administração da UNICAMP é o problema da redistribuição do poder. Nós temos uma estrutura universitária onde o poder é excessivamente concentrado na figura do reitor. Não existe uma distinção nítida entre o que seja poder deliberativo e poder executivo e esse poder, sobretudo, é exercido pela mesma pessoa. É exercido pelo reitor que, além disso, tem uma representação excessiva dentro do conselho universitário através da nomeação de pró-reitores e da escolha — através de lista triplíce — de diretores.

É ponto do meu programa que diretores devem ser eleitos dentro do âmbito de suas faculdades e institutos. Acho mesmo, que deveria se estudar a possibilidade do reitor não ser obrigatoriamente presidente do CONSU. Isto seria uma maneira de quebrar a influência abusiva que o reitor tem sobre o CONSU.

Outra coisa que deve ser estudada com absoluta urgência é como são distribuídas as verbas da UNICAMP, como são feitos os orçamentos e, sobretudo, como são distribuídas as suplementações orçamentárias. Estes deveriam ser dados públicos, conhecidos, divulgados e repartidos de acordo com critérios conhecidos: não pode ser matéria de difícil acesso.

Quero apenas dizer como palavras

finais, que eu sou a favor de que a gente tenha regras conhecidas, publicadas nesta universidade e, cumpridas. Isto é absolutamente necessário para que a convivência nesta universidade possa ser continuada e, acho também — sem poder entrar em detalhes porque meu tempo está esgotado — que é importantíssimo fazer uma reforma administrativa nesta universidade que premie a competência e a dedicação profissional, que tenha prêmio pelo desempenho! Muito obrigado.

PROF. VOGT: Bom dia, eu gostaria antes de tudo de agradecer também à ADUNICAMP pela oportunidade de estar aqui, para podermos neste primeiro contato mais direto, mais público deste debate, expor as idéias de meu programa para a nova gestão da Reitoria da Universidade de Campinas.

Eu estou chamando o meu programa de "Universidade, Autonomia e Modernidade" e vou rapidamente tentar, em linhas gerais, traçar a moldura na qual espero possamos desenvolver os trabalhos na Universidade nos próximos 4 anos. Do ponto de vista da Universidade, eu gostaria de chamar atenção para o fato de que a UNICAMP nos seus 23 anos foi passando por diferentes momentos que se caracterizaram por aspectos e manifestações distintas do seu comportamento institucional. Teve a sua fase heróica de implantação, teve sua crise de adolescência no começo dos anos 80 e depois começou a ingressar na idade madura que foi exatamente a da consolidação da institucionalidade da Universidade. Uma instituição forte é uma instituição que pode aspirar efetivamente a uma autonomia não apenas como palavra de ordem, como "slogan", mas como prática efetiva. A universidade procurou fortalecer-se do ponto de vista institucional através da organização dos seus mecanismos internos de deliberação e decisão com a criação das Congregações, com o estabelecimento do quadro de carreira docente com as suas 3 partes: parte especial, parte complementar em extinção, e a parte permanente. A Universidade caminhou para a criação e instalação do Conselho Universitário com as suas Câmaras, ampliando a representação dos seus membros. A universidade desse modo, do ponto de vista da sua insti-

tucionalidade, procurou garantir-se internamente contra as manifestações, os movimentos e as alterações da política e dos governos externos à Universidade. Deste modo, foi possível caminhar também, ainda no final do governo anterior a este, para o exercício de uma autonomia num setor onde até então nós éramos tratados de forma indiferenciada em relação a todo o funcionalismo público. Foram criadas várias carreiras dentro da universidade: não só a carreira de apoio técnico operacional administrativo de ensino a pesquisa, mas a carreira de informática, dos professores dos Colégios Técnicos, dos professores do Centro de Ensino de Línguas, do pessoal do Gabriel Porto, está se criando uma carreira para o pessoal do Centro de Tecnologia de Limeira tudo isto faz parte exatamente de um processo que visa a organização da multiplicidade de atividades que caracterizam a universidade.

A universidade é plural, é múltipla, e é necessário que haja uma ordenação, uma organização desse mundo ativo e complexo para que nós possamos, a partir daí, ir qualificando os problemas, enxergando-os de maneira mais exata e dando a eles soluções também qualificadas. Tenho impressão de que este movimento é um movimento que vai em direção a uma prática da autonomia que se exerce cada vez mais do ponto de vista acadêmico-científico, do ponto de vista administrativo e finalmente para um ponto importante desde processo que é a autonomia do ponto de vista de gestão financeira. Com o decreto do governador, passou a ser da extrema importância para a Universidade uma política orçamentária, não só que permita à Universidade garantir a sua autonomia em relação ao governo, mas também a autonomia das unidades e dos órgãos em relação à administração central. Neste sentido nós caminhamos positivamente para um processo de qualificação cada vez maior da Universidade.

O que se propõe agora é que a Universidade dê um salto de qualidade para o qual ela está preparada, salto de qualidade este que todos nós preparamos juntos. Para que este salto de qualidade se dê é preciso

1º) : que haja uma Política de Recursos Humanos na Universidade, clara e

SEGUROS?

- *Automóvel
- *Vida
- *Incêndio residencial
- *Roubo residencial
- *Responsabilidade civil da família
- *etc

JJC e ADUNICAMP

Oferecem a você
toda orientação necessária
para fazer um seguro
bem feito

Informe-se na secretaria da Adunicamp
Fone: 39.1148 ou ramal 3152
Diretamente com o nosso corredor Sr. Jean
Fones: (011) 259.8104 e 259.0359
Plantão aos sábados e domingos
Fone: 31.2716 - Campinas

transparente, que vise não só a valorização dos docentes, da atividade de ensino e pesquisa da universidade e de extensão, mas que vise também a qualificação do nosso pessoal técnico-administrativo porque sem apoio estrutural técnico e tecnológico adequados não há como crescer em qualidade. Nós estamos num momento em que a Universidade chegou ao ponto de expandir-se, mas expandir-se em qualidade. É preciso que a universidade deixe de crescer na mesma proporção, na mesma velocidade horizontalmente e passe de fato a crescer verticalmente, o que significa um crescimento em qualidade. Tenho a impressão que desse ponto de vista os cursos noturnos terão papel fundamental, não só como elemento de reflexão, de revalorização, de crítica positiva que tem que ser feita aos cursos de graduação tal como eles funcionam, visando a sua qualificação cada vez maior. É preciso que o noturno seja antes de tudo um momento de vida ativa cultural dentro da Universidade e que os cursos noturnos sejam cursos onde não só funcionem os estigmatizados cursos que "podem funcionar a noite", fazendo com que outros não funcionem, mas que todos tenham atividades a noite. Se não forem cursos completos pelo menos que haja ofertas de atividades que visem não só aos cursos completos de graduação mas também aos cursos de especialização, de extensão, de treinamento técnico, que atendam inclusive ao servidor da UNICAMP para atualizá-lo nos seus conhecimentos que serão necessários para este salto de qualidade.

Do ponto de vista da graduação, este é um dos pontos críticos da universidade hoje no que diz respeito a suas atividades acadêmicas. Não só a inversão dos sinais; fazendo com que professores mais graduados atuem nos cursos de formação, mas também toda uma política que leve a graduação a ser tratada como um fim em si mesma, como um fim que visa a formação do nosso profissional e não como a preparação para os cursos de pós-graduação que, estes sim, fazem com que nesta política imposta se adie continuamente a formação de nossos estudantes. A graduação é um curso formador, não é um curso informador. É preciso que se superem estas dicotomias dentro da universidade, entre formação e informação, entre

ensino e pesquisa, entre graduação e pós-graduação, enfim que se supere esta dicotomia entre quantidade e qualidade. Para que se dê este salto de qualidade é necessário que nós tenhamos de fato um processo de avaliação objetivo — não só externo como interno — dos nossos cursos, do nosso ensino, mas um processo de avaliação que vise não as pessoas mas os resultados. Sabe-se hoje que há estudos na UNICAMP importantes sobre este ponto de vista que mostram o quanto a afeição que o estudante tem à universidade não é, contudo, acompanhada de uma formação adequada do ponto de vista da sua profissionalização. É fundamental que a indissociabilidade entre ensino-pesquisa e extensão não se ponha entretanto como simples palavras que "engessem administrativamente" as inovações que a universidade foi fazendo.

A universidade criou os Núcleos, criou os Centros, hoje existe uma realidade viva de pesquisa, de atividades, de produtividade em todos estes órgãos criados. É preciso que nós possamos de maneira viva e ativa dar respostas plásticas maleáveis e esta situação e não permitamos — em outras palavras — que o novo que criamos morra na novidade. É necessário que nós desenvolvamos uma política ativa de enriquecimento das nossas bibliotecas, de interligação dos sistemas, é preciso que nós crescamos de maneira positiva rumo a uma quantidade e uma qualidade de acervos que seja exatamente compatível com a importância e atualização de nosso ensino.

É chegado o momento não só de dar continuidade a um processo que se iniciou sob a administração do Prof. Paulo Renato mas é importante que nós, preparados que estamos para este salto de qualidade, juntos façamos a aventura deste salto e façamos com que a Universidade ingresse definitivamente na modernidade pela qualidade do seu ensino, da sua pesquisa e da sua extensão. Obrigado.

HELENA: Nós vamos passar agora à segunda parte do debate que são as perguntas da diretoria da ADUNICAMP. As perguntas são as mesmas para os 3 candidatos que disporão de cinco minutos para as respostas.

As duas perguntas estão relaciona-

das a problemas que foram detectados na atual gestão e que esta Associação do Docentes espera que sejam sanados pelo próximo reitor. A primeira questão é a seguinte: "Com relação à transparência administrativa, sabemos que com autonomia universitária, e principalmente com autonomia financeira, garantida pelo decreto — que nós chamamos de Decreto dos 8.4% — o gerenciamento e a distribuição dos recursos oriundos do ICMS são feitos agora pela própria universidade. No entanto, o conjunto da comunidade universitária ainda não tem acesso às informações completas relativas não só à arrecadação do ICM como aos critérios de distribuição e alocação destes recursos, principalmente com relação aos recursos extraorçamentários como os convênios, como por exemplo os recursos que a FUNCAMP administra e os recursos administrados pelo FAP. Quando reitor, de que maneira este problema vai ser solucionado?"

PROF. HERMANO. Nesta parte de distribuição de verbas eu acredito — na vivência que eu tive na UNICAMP — que a peça mais democrática que existe é o orçamento. Para dar exemplo do último ano, que não é muito diferente dos demais, ela foi uma peça votada em 27 de dezembro e os conselheiros tiveram conhecimento dela no dia 22 ou 23, houve um Natal no meio. Mesmo assim é a peça ainda mais democrática que existe! Na parte de suplementações orçamentárias que — com a inflação galopante que nós temos hoje — são diversas durante o ano, cerca de 2 ou 3, o mistério é ainda maior. Dificilmente alguém, que não seja do estrito grupo de decisão de como esta distribuição ocorre, tem informações minimamente globais a respeito de como se dá a distribuição destas verbas suplementares.

Normalmente um diretor de faculdade ou instituto simplesmente recebe um número, e só. Ele não sabe quanto o seu colega ao lado recebeu. Coisas desse tipo têm que ser definitivamente banidas da universidade. Se quisermos continuar a viver nesta universidade com respeito mútuo vamos ter que agir com absoluta transparência quanto ao problema da distribuição de verbas. Devem existir critérios absolutamente claros de como estas verbas são distribuídas e os

resultados desta distribuição devem ser publicados em cada porta desta universidade, conhecido de cada pessoa e deve-se saber exatamente onde se reclamar caso não se concorde com ele. Eu acho que a distribuição de verbas orçamentárias, suplementares, etc., deve ser rigorosamente feita através de uma comissão do CONSU que tenha critérios de distribuição que sejam públicas e conhecidos. Esta é a minha posição a respeito, a transparência neste assunto tem que ser total.

PROF. VOGT: Com o decreto do Governador Quéricia, tornando a autonomia financeira uma prática, tornando-a possível efetivamente na Universidade, a questão orçamentária ganhou muito em importância porque antes as nossas decisões na verdade não eram tomadas aqui, eram tomadas no nível das secretarias de governo. Neste sentido a universidade caminhou — e está caminhando — para uma prática de distribuição orçamentária visando à consolidação de um processo de descentralização que se iniciou na administração do Prof. Paulo Renato e que nós, é claro, pretendemos levar adiante. Como eu disse na minha exposição inicial, é possível pensar em autonomia efetiva se não houver autonomia efetiva dos órgãos e unidades em relação à Administração Central. Apenas para dar números: em 1985 a reitoria retinha 64,12% do recursos — distribuía 35,88%; em 1986 72,42% para a reitoria retinha 64,12% do recursos — distribuía 35,88%; em 1986 72,42% para a reitoria — 27,58% para as unidades; e, 87 51,71% para a reitoria — 48,29% para as unidades; em 88, 56,87% para a reitoria - 43,13% para as unidades; em 89: 52,20% na reitoria - 47,80% nas unidades e para 1990 47% na reitoria - 53% nas unidades. É um processo no qual está incluído também um aprendizado de todos nós no exercício, na execução orçamentária. O objetivo é caminharmos cada vez mais para uma transparência dos critérios. Uma transparência que tem que ser construída em conjunto. Esse, o trabalho que está sendo desenvolvido tecnicamente pela Diretoria de Planejamento Orçamentário — a nossa CGPU — pelo Giomi - que visita todas as unidades. Todos nós sabemos que para o orçamento de 90 nós mudamos os critérios, saindo dos critérios

SEGURO DE AUTOMÓVEL

Você sabia que:

- * Seu bônus pode ir além dos 65%
- * desconto de bom condutor
- * desconto de alarme
- * mais 30% de desconto no prêmio líquido

JJC e ADUNICAMP

INFORMAÇÕES

Adunicamp: 39.1148 ou 39.1301 ramal 13152
 União Continental de Seguros: 32.2189
 JJC Corretora: 31.2716
 Plantão aos sábados e domingos

puramente históricos e caminhando para o critério de avaliação qualitativa das propostas orçamentárias, dos projetos, da expansão, e etc. Em outras palavras: nós vamos adquirindo conhecimento para dar o salto de qualidade que nos levará necessariamente a uma qualificação cada vez maior dos critérios de distribuição orçamentária. Como fazer isso? Não só tornando-os transparentes, mas buscando, através de um processo de avaliação de produtividade dos resultados da qualidade dos trabalhos em ensaio, em pesquisa, em extensão, alterar, premiar os orçamentos, de modo que nós saíamos do círculo burocrático dos relatórios inúteis e passemos efetivamente a produzir relatórios eficientes que terão resultados inclusive do ponto de vista orçamentário das unidades. Isso já é possível, estamos no momento em que isto pode realizar-se porque estamos cada vez mais aparelhados tecnicamente para a sua realização. Quanto à FUNCAMP são avaliadas por uma empresa de auditoria (uma das mais conceituadas), avaliadas pelo Tribunal de Contas e os relatórios semestrais são também públicos e de domínio público assim como a sua execução orçamentária. As reuniões do Conselho Universitário permitem acesso, a todos os docentes, às propostas, às realizações efetivas de forma que a questão é a de dar uma publicidade maior, a questão realmente de mecanismos de maior publicidade mas por definição, os mecanismos institucionais já obrigam à publicidade. Nada é feito à sombra, nada será feito a sombra. O objetivo do salto de qualidade é o salto para a luz, é o salto para a claridade, é o salto para o sol.

PROF. CELSO: Eu acredito que a Helena já saiba da minha resposta, porque eu a dei no último Conselho Universitário, quando solicitei à presidência da mesa que tivesse este procedimento. Espero que seja cumprido o procedimento de fornecer às associações e a todos os conselheiros a prestação mensal de contas, porque qualquer cidadão brasileiro sabe que, ganhando NCz\$ 100.000,00 em janeiro e ganhando NCz\$ 100.000,00 em dezembro, fecha-se com número 100, igual para as duas unidades, mas a diferença é significativa. No custeio, isto é muito difícil de acontecer, porque, no custeio, os gastos são sem-

pre mais ou menos os mesmos. Não se consegue gastar mais do que o previsto. Agora, na parte de equipamentos e na parte de reequipamentos, na parte daquela despesa de capital de material permanente, que, normalmente, vem acontecendo por meio do diálgo entre o diretor e o reitor, é neste ponto que deve haver uma transparência mensal, porque, desse modo, teremos uma possibilidade de avaliar o quanto cada unidade está recebendo, em relação ao percentual que lhe foi destinado no tal do orçamento feito no final ou no começo do ano. Foi isso que eu solicitei na última reunião do Conselho e que a presidência da mesa se comprometeu a fazer. Gostaria de ver isto acontecendo logo agora nos primeiros meses, principalmente porque nós estamos com problema de desimcompatibilização. Com relação à FUNCAMP e ao FAP, eu acho que também é possível e a FUNCAMP faz isso, ela explicita os seus gastos. Os convênios também têm todas as condições de explicitar os seus gastos. Pele menos nos convênios que eu tenho gerido, eu tenho condições de entregar a quem quer que seja onde foram gastos os recursos do convênio e segundo que critérios. Acredito, então, que a posição realmente seja a de assegurar o acesso a essa informação e que ela saia rápida. Rápida e de maneira simplificada, principalmente para os conselheiros e para as associações. Acredito que, desta maneira, os professores, os funcionários e os alunos terão onde buscar respostas, quando quiserem saber como nós estamos gerindo os nossos recursos. Esta é a minha proposta, não só como foi colocada, mas também é uma proposta de trabalho minha. Faz parte do meu programa.

HELENA: Vamos passar agora à segunda questão da mesa: "Considerando que os estatutos da UNICAMP elaborados e reformulados há 5 anos sob a égide da legislação do período mais autoritário da nossa história, o que reflete entre outros pontos uma excessiva concentração do poder nas mãos da reitoria; considerando ainda os ansios da comunidade interna e da sociedade por avanços no campo das liberdades democráticas, as mudanças instituídas na Constituição Estadual e Federal, a necessidade da UNICAMP proceder a

uma profunda avaliação dos seus objetivos, da sua forma de organização institucional de modo a garantir o pleno exercício de sua autonomia e de seu compromisso com a sociedade e, considerando ainda, o compromisso do Conselho Universitário de dar início em abril a um processo de adequação dos estatutos a uma nova ordem constitucional, como o candidato encaminhará o processo de modificações estatutárias necessárias de modo a garantir a participação do conjunto da comunidade interna e de setores representativos da sociedade?"

PROF. VOGT: Em primeiro lugar é preciso deixar claro que a Universidade, — uma Universidade como a UNICAMP — não pode, não deve e já tem estrutura suficiente para não ter medo de mudanças. As mudanças que se fizerem necessárias não só como ajuste à ordem constitucional nova, à ordem estabelecida pela nova Lei de Diretrizes e Bases, não só essas mudanças mas outras mudanças que decorrerem da necessidade da atualização, do enriquecimento, da maleabilidade das nossas regras, dos nossos estatutos deverão ser feitas e será necessário que se façam. Por que? Porque, como disse há uma vida extremamente rica, múltipla e ativa dentro da Universidade. Nós não chegamos a discutir ainda ao nível da comunidade da universidade a estrutura, a composição, as atribuições dos Conselhos de Departamento, dos Conselhos Interdepartamentais. É preciso que nós olhemos os centros Complementares que criamos, os Núcleos, toda uma realidade de atividade onde se cruzam as coisas mais atuais, mais importantes e mais modernas da ciência que são as atividades multidisciplinares. É preciso que nós olhemos e criemos estruturas que exatamente dêem condições de desenvolvimento a tudo isso. Acho que as mudanças são necessárias quando decorrem da vontade da comunidade. Elas só não podem ser levadas adiante apenas pela vontade e pela pressão de grupos isolados. É preciso que se desencadeie então um processo que já fizemos aqui na universidade quando estabelecemos as Congregações, quando criamos os quadros de carreira, quando percorremos todas as unidades discutindo com todas as cate-

gorias a proposta de alteração, a proposta da instalação das Congregações, a proposta de criação do quadro de carreira. É preciso que, de fato, as mudanças decorram da vontade que se manifeste amplamente na comunidade, mas é preciso também que estas alterações se façam com a serenidade que a distância do período eleitoral nos dará a todos para que possamos de fato promovê-las no interesse maior da instituição sem confundi-las com casuísmos ou interpretações que possam exatamente atribuir casuísmos, aletrações que poderiam ser evidentemente interpretadas como interesse eleitoral deste ou daquele candidato. Acho que a Universidade está madura para mudar, e ela precisa mudar, e o salto de qualidade de que eu falo implica também na mudança do seu regimento, dos seus estatutos.

PROF. CELSO: Eu já expus, na minha fala inicial, que é minha proposta uma ESTATUINTE. Eu acho importante, considerando que foi mudada a forma de se gerir a universidade e que existe uma insatisfação em relação ao "modus vivendi" no campus, quanto à participação das pessoas nos diferentes órgãos. Também é importante o que deve ocorrer para que se valorize a função acadêmica, a função do ensino, a readequação das atividades administrativas que devem ser dadas a professores. Considerando que nós já temos aqui dentro da universidade um Núcleo de Estudos Constitucionais, que pensou na Constituição, que participou da Constituição Federal, que participou e participa da Constituição do Estado de São Paulo, é importante que nós façamos uma ESTATUINTE logo, e não demorada. Definir mais regras da ESTATUINTE seria colocar a posição do reitor frente à definição dos Estatutos e Regimentos. Acho importante que ocorra uma Estatuinte, ouvido o Núcleo de Estudos, Constitucionais e, a partir disto, esse pessoal, num tempo curto, (esta, sim, deve ser uma imposição do reitor, que o tempo seja curto, que não se gaste mais que 6 meses, porque passar uma reitoria inteira junto com Estatuinte não deve ser fácil) esse pessoal, como estava dizendo, promova algum tipo de congresso, de seminário interno, mais ou menos nos moldes do que aconteceu na UNESP e que, termi-

MICRO COMPUTADORES E PERIFÉRICOS

JJC e ADUNICAMP

Seguro contra:

- *Fogo/raio/explosão
- *Roubo
- *Danos elétricos
- *Alagamento/inundação
- *Impacto de aeronave

Importância segurada: 11.600 BTNf
Custo por um ano: 90 BTNf
Este seguro é corrigido por BTNf

INFORMAÇÕES

Adunicamp: 39.1148 ou 39.1301 ramal 3152
União Continental de Seguros: 32.2189
JJC Corretora: 31.2716
Plantão aos sábados e domingos.

nados esses 6 meses, bem antes da próxima eleição para reitor, nós tenhamos uma definição das atribuições dos diversos âmbitos da universidade, de quais são as regras básicas e algum detalhamento destas regras ao nível de regimento, para que tenhamos também uma universidade gerida de modo muito mais administrativo do que político. É esta a minha proposta que já havia esboçado, no início da minha fala.

Eu gostaria de dizer que, como eu estou vendo uma série de perguntas em relação à UTP, o que está sendo proposta é um Conselho Comunitário e um Conselho Diretor, justamente descaracterizando a pressão de qualquer reitor em relação aos seus diretores. A Presidência da Comissão de Implantação está propondo uma ESTATUINTE também para esta nova universidade a que se está implantando.

PROF. HERMANO: A minha posição a respeito da pergunta formulada pela ADUNICAMP é que de fato há um número importante de modificações a serem efetuadas. Acho que para a própria continuidade da vida universitária da nossa UNICAMP vai ser necessário abordar estes problemas com bastante realismo. Eu acredito que se o volume de modificações não for suficientemente grande é possível fazê-las utilizando os mecanismos atualmente existentes sem precisar apelar para uma estatuinte. Se entretanto, este volume aumenta e toma proporções de uma reforma muito abrangente eu creio que será necessário fazer uma Estatuinte. Eu fui surpreendido nestes últimos dias com a informação de que o CRUESP — o Conselho de Reitores das Universidades do Estado de São Paulo — pretende elaborar uma Lei Orgânica das Universidades. Em se confirmando isto, e tomando conhecimento dos detalhes de como essa Lei Orgânica das Universidades vai ser definida, aí então, eu acho absolutamente necessário que essa Lei Orgânica seja precedida de uma Estatuinte na UNICAMP pelo menos, que está com os Estatutos um tanto atrasados. Vamos ter que estudar isto com um pouco mais de profundidade e ter posições mais claras, inclusive de dependência de conhecer melhor como é este problema.

HELENA: Agora nós passaremos à fase das perguntas do público. A mesa vai ler as perguntas e passa em seguida a palavra aos candidatos. Perguntas para o prof. Celso: “O senhor se propôs a desencadear uma Estatuinte na Universidade; como seria o processo? O senhor citou o Núcleo de Estudos Constitucionais: estaria na coordenação dos trabalhos e as definições finais do processo como aconteceu recentemente com as questões relativas as constituintes estadual e federal?” “Em seu artigo publicado pelo Jornal da ADUNICAMP não ficou clara a sua posição quanto ao processo de escolha de diretores e reitor. Qual sua posição a respeito?”; “Qual será a sua atitude diante dos do-

centes que estão em RDIDP, portanto proibidos do exercício de atividades profissionais privadas, remuneradas ou não, e que ostensivamente exercem atividades paralelas às da UNICAMP? Exemplo disto são os docentes da área médica que têm consultórios particulares. Esta atitude sua será a mesma com relação aos funcionários que simultaneamente ao seu horário de trabalho estudam na UNICAMP?

Pode-se dizer que o mesmo será aplicado aos médicos plantonistas que jamais comparecem aos plantões?”; “O senhor tem aparecido na imprensa como futuro reitor da UTP, uma vez que é presidente do Conselho da futura universidade. Nos jornais saiu que é o candidato do governador. Por que a candidatura para reitor da UNICAMP?”; “Como o senhor concilia seus três cargos atuais: diretor da faculdade, CEPETRO e reitor da UTP? O senhor recebe pelos três cargos?”; “Qual a sua opinião do desempenho da FUNCAMP e a sua opi-

versidade que estando na lista o senhor seria escolhido em quaisquer circunstâncias pelas suas relações com o Deputado Ralf Biasi. O senhor aceitaria ser reitor mesmo contra a vontade da comunidade?”; “Todos estão comentando na universidade que o senhor está fazendo campanha prometendo coisas que o senhor sabe serem utópicas (por exemplo: visitas surpresas a cada mês nas unidades) — comente — considerando uma agenda sobrecarregada do reitor?”; “O senhor tem elogiado bastante a gestão Paulo Renato.

Isto não tem que ser repartido com a equipe que trabalha com o reitor?”; “Temos hoje na universidade uma situação na qual as chefias e direções são indicadas a partir da avaliação unilateral dos responsáveis por cada área, possibilitando inúmeras nomeações políticas ou de afinidades pessoais. Acredito que com concursos internos essa possibilidade seria praticamente reduzida permitindo que os cargos sejam ocupa-



Prof. Hermano

“Só
aceito
ser
reitor
se for
o primeiro
da
comunidade”

ção sobre as taxas por ela cobradas?”; “Prof. Celso, o senhor numa reunião como o DGRH disse que irá contratar todos os guardinhas que trabalham na UNICAMP. Como a Constituição não permite a contratação sem concurso, como o senhor pretende enfrentar a constituição para resolver este problema?”; “O senhor disse em reunião no DGRH que na carreira existe cambalacho, enquadramentos por baixo do pano a assumir ter se comportado assim para não parecer mau diretor. Isso é verdade? O senhor tem provas? Por que não denunciou enquanto era tempo de se fazer alguma coisa ao invés de fazer polêmica agora durante a campanha?”; “O senhor disse em reunião no DGRH que o reitor deve continuar dando aula e que cuidará pessoalmente da parte interna e externa. Conhecendo pelo menos parte dos problemas da universidade, como poderá distribuir seu tempo para continuar sua atividade docente?”; “O senhor faz circular em toda a uni-

versidade pelas pessoas mais capazes e competentes a partir de critérios públicos iguais para todos. Qual a posição dos três reitoráveis?”; “Qual a proposta dos reitoráveis para a política salarial da universidade?”; “Qual a sua relação com o governador Quéricia? Como o senhor vê o fato do projeto UTP ser acusado de populista?”; “Qual o critério adotado para escolha de sua equipe de gestão?”; “O senhor é a favor da eleição direta e paritária para escolha de reitor? Em caso afirmativo, porque está participando de um processo não direto?”; “Diga de uma maneira geral qual a sua proposta para a universidade nos seguintes pontos: segurança, saúde e benefícios e recursos humanos”; “É voz corrente na universidade que os senhores estão (Hermano e Celso) procurando as pessoas para que haja um quarto candidato a reitor numa frente contra a candidatura do Prof. Vogt. Como isto compromete também as suas candidaturas, poderiam explicar por que?”.

Outra pergunta para Hermano e Celso: “É verdade que existe um acordo entre vocês que seria: o Prof. Hermano apoiaria o Prof. Celso internamente ou o Prof. Celso apoiaria o Prof. Hermano externamente conforme a tendência do processo sucessório, principalmente se houver crescimento da candidatura do Prof. Vogt?”; Para Hermano e Celso: “A ADUNICAMP tem apresentado em sua pauta de questões a idéia da participação desta entidade através de representantes nas instâncias universitárias voltadas às questões acadêmicas. O senhor poderia comentar sobre a conveniência deste tipo de procedimento onde uma entidade de caráter prioritariamente sindical participaria de avaliações e decisões de caráter acadêmico?” Para os 3: “Qual a sua posição sobre uma Estatuinte paritária para a confecção de um novo estatuto para a universidade?”; “A autonomia financeira 8.4 foi arrancada do governo do Estado após uma greve de 80 dias considerada inoportuna pelo atual reitor. Você considerará também greve na universidade como inoportuna?” Para os 3: “Gostaria que falassem sobre os quadros de carreiras. Como serão as avaliações, promoções, etc. visto que existem funcionários mal avaliados e, em consequência, sem as promoções devidas?”; “Gostaria que falassem sobre os salários e o reajuste dos mesmos e qual o critério que adotariam: se seriam os salários de mercado ou de avaliação própria. No caso de um faxineiro, teria este reajuste pelo mercado ou por critérios próprios?”; “Gostaria que falassem sobre organização e método na universidade e a forma que achariam para resolver os trâmites burocráticos que tanto emperram a máquina administrativa. Se tivéssemos que provar estarmos vivos quando a justiça declarar-nos mortos acho extremamente competente, mas não é este o caso. Pergunto: qual a solução para tanto papel?”; “E como será a reestruturação da carreira dos funcionários? A reestruturação começará agora?”.

PROF. CELSO: Considerando o volume excessivo de perguntas, eu vou priorizar aquelas relativas a assuntos políticos e aquelas que têm a ver com as questões dos professores. Terei oportunidade de comentar, de ser arguido com relação aos funcionários, quando estiver participando dos debates da ASSUC (já agendados) e, com relação aos alunos, - parece que não há nenhuma pergunta de alunos - quando tiver um debate com alunos. Feita esta seleção, eu vou partir para o campo das perguntas que eu considere as mais agressivas e as mais políticas.

Quero dizer que o meu vínculo com o Governador Orestes Quéricia passa por uma chamada ao nível técnico. Quando o Prof. Pinotti era o reitor desta universidade e o atual governador era o vice-governador do Estado e, por isso, presidente do Conselho estadual de Energia, solicitou, nesta condição,

ao reitor representantes da UNICAMP para assessorá-lo junto a esse Conselho. Desse modo, eu e o Prof. Altemani fomos assessores do vice-governador e conhecemos o vice-governador que, posteriormente, veio a se tornar Governador do Estado. No início do seu governo, ele chamou para ser Secretário de Ciência e Tecnologia o Prof. Bresser, logo em seguida chamou o deputado Ralph Biasi que, por sua vez, me chamou para ser assessor para assuntos universitários dessa Secretaria, assim como também foram chamados outros professores da UNESP e da USP. Na época, o fato foi considerado importante (ter alguém da UNICAMP na Secretaria de Ciência e Tecnologia). Nesta condição de assessor do Secretário para assuntos universitários, eu participei de uma comissão de 18 membros que projetou a Universidade Tecnológica. Eu não era o presidente da Comissão. A presidência estava nas mãos de um professor nosso, de um pró-reitor, Ubiratan D'Ambrósio, que elaborou um documento, aprovado pelo governador, e que definiu a implantação de uma quarta universidade neste estado. Fui chamado para presidir os trabalhos desta comissão de implantação, também numa condição técnica. Desse modo, eu considero que o meu vínculo com o governador é um vínculo técnico-administrativo e não acharia estranho compará-lo com os vínculos que têm com ele, atualmente, o Prof. José Goldemberg, ex-reitor da USP e atual Secretário de Educação. Lembro também que perdi meu cargo de assessor no Conselho Estadual de Energia, quando houve uma divergência entre as posições do Prof. José Goldemberg e do vice-governador Orestes Quércia. No momento em que estou debatendo a minha candidatura a reitor da UNICAMP, eu quero dizer que não quis ser candidato a reitor da USP, assim como não vou querer ser candidato a reitor da UTP, que está surgindo com 22.000 alunos, tem 1.700 professores e 1.500 funcionários, porque entendo que deverá emergir da própria população da Paula Souza, da futura UTP, o seu primeiro reitor. Por isso não postulo a condição de reitor dessa universidade. Meu trabalho praticamente já está concluso, porque já fizemos o Plano Diretor. Estão faltando alguns detalhes com relação a esse plano, mas o processo já foi encaminhado à Assembléia e está agora na mão dos legisladores. Ainda àqueles que perguntam sobre essa universidade, gostaria de avançar mais um pouco, dizendo que, para mim, muito mais importante do que a criação desta universidade está a possibilidade de nós irmos a ter um sistema de ensino técnico e tecnológico de 2º e 3º graus forte no nosso Estado, que sirva de modelo para o Brasil e isto é, inclusive, objeto de uma reportagem de hoje na "Folha". Ainda com relação a questões pessoais, me perguntam sobre a gestão Paulo Renato, que eu elogio. Realmente, eu acho que a gestão Paulo Renato foi excelente, e considero

que a equipe do Prof. Paulo Renato - no seu conjunto - teve um desempenho satisfatório, senão não teria sido uma gestão excelente. Ao nível interno do campus, nós, diretores, tivemos alguns problemas, muitos deles relacionados com a CGU. Ainda com relação ao Prof. Paulo Renato, quero dizer que ele é uma das pessoas que apóiam a criação dessa nova universidade. Inclusive, em debate público, manifestou a necessidade de nós termos um sistema estratificado de universidade.

Quanto à questão de o Prof. Hermano e de o Prof. Celso estarem escolhendo candidatos, posso afirmar que não estou escolhendo um quarto candidato para vir a ser reitor da UNICAMP. Eu me coloco como candidato a reitor da UNICAMP e entendo que a portaria existente vai ser cumprida de dois turnos - porque uma portaria já é, pelo próprio dicionário, uma aplicação, uma interpretação de aplicação da lei. Neste sentido, eu acho que é importante que

reta, indireta, do modo que fosse... Agora, uma vez colocadas as normas da eleição, eu me sujeito às normas que estão colocadas.

Ainda com relação ao critério de escolha de equipe, eu acho que o critério tem que ser realmente baseado na competência e na representatividade, de acordo com o cargo. (As perguntas relativas à ESTATUINTE eu já respondi na outra pergunta).

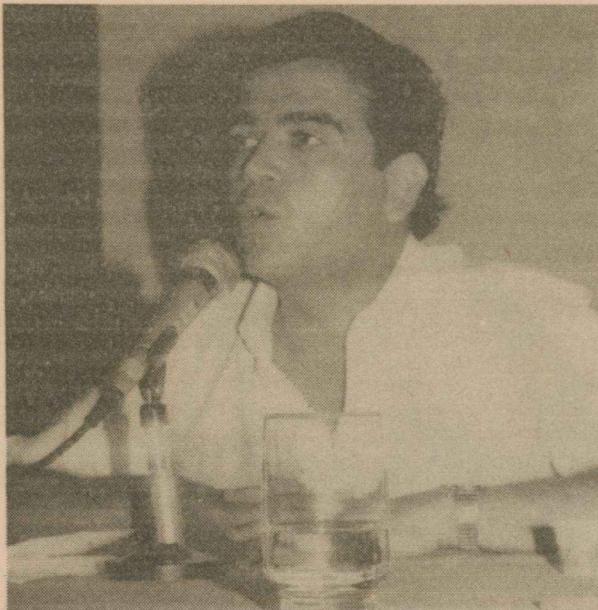
Com relação à carreira, perguntam como eu consigo conciliar meus 3 cargos — de diretor da faculdade, de coordenador da CEPETRO e de reitor da UTP — Trabalhando! Eu trabalho bastante, tenho trabalhado umas 14 horas por dia, e, com relação ao fato de receber pelos 3 cargos, eu posso dizer que recebo um adicional por ser diretor da faculdade e recebo uma complementação de 100% do meu salário de MS-6, na condição de membro participante do CEPETRO, mas, na condição de coordenador do centro, não existe gratifica-

Com relação à administração, eu acho importante pela quantidade de funcionários que a UNICAMP tem. Minha idéia é prover a universidade de um forte projeto de recursos humanos para treinar justamente todos os nossos funcionários, começando inclusive pelas chefias, para que possam exercer todas as atividades administrativas, desobrigando ao máximo os professores dessas atividades. Neste sentido, um programa de cursos de formação interna não deveria ocorrer no período noturno, mas no vespertino. A universidade cederia o professor para ministrar algumas aulas, alguma coisa que começasse às 3 e terminasse às 5 horas da tarde. O funcionário poderá dispor também de uma hora de seu laser para melhor se qualificar e, por meio dessa qualificação e pelo bom exercício de sua função, ser valorizado em sua carreira. E, quando dizem de eu contratar "só guardinhas", realmente, eu acho que a Universidade já não está mais na hora de ficar contratando mais gente. Eu acho que a Universidade agora já tem bastante funcionários e um dos pontos da minha campanha é realmente contratar só aqueles guardinhas — mesmo que seja por concurso —, fazer um sistema, uma priorização, colocando à disposição só os cargos iniciais. O indivíduo entra no início da carreira. Com isto, se evitam insatisfações como a provocada pelo fato de, tendo um cargo ficado vago, alguém entrar por cima varando a carreira, frustrando a expectativa de algum administrador em vir a ocupá-lo. Eu acho que, na Universidade, deverá ser considerada exceção esse caso de contratação. É claro que não se vai deixar de contratar uma funcionária do HC, que presta algum tipo de serviço, caso ela se demita e, com isso deixar morrer algum paciente por falta de funcionário. Não se vai, obviamente, chegar a um extremo desses. Mas, para funções administrativas típicas, eu acho que nós temos condições de formar o nosso próprio quadro de técnicos, tanto administrativos quanto de laboratórios: Nós já tínhamos um projeto — que infelizmente não se concretizou — que era o de formação de técnicos de laboratório. Aliás, o projeto não era meu, era um projeto do Prof. Pallerosi, no sentido de nós formarmos nosso pessoal de laboratório por meio de uma cooperação de todos os professores de faculdades e institutos que poderiam formar uma grande quantidade de técnicos e, mesmo que nós os perdêssemos, nós conseguiríamos manter os bons, com um bom salário.

HELENA: Muito obrigada, professor. Agora as questões para o Prof. Hermano: "O que seria redistribuição de poder na Universidade citada em sua fala inicial?"; "O senhor poderia explicitar um pouco mais a questão relativa à pesquisa de maior ênfase por parte da UNICAMP frente às agências financiadoras de pesquisa? A questão relativa à

Prof. Celso

"As expectativas da sociedade em relação à Universidade não devem ser frustradas"



haja dois turnos e considero a possibilidade de uma composição no 2º turno. Devemos ter dois turnos e considero saudável a possibilidade de uma composição no 2º turno. Para mim isso não é nada estranho. Ainda com relação à pergunta "Se eu seria reitor da UNICAMP, mesmo não sendo o primeiro da lista?" (e outras questões relativas à paridade e outros pontos mais...), eu quero dizer que eu me candidatei antes de o Conselho definir as normas finais, ou seja, estava em discussão como ia ser o processo de escolha do reitor. Havia possibilidade de haver eleição direta ou indireta - de acordo com a votação, daquilo que acontecesse no Conselho. Eu fui o único conselheiro que se absteve. Eu me absteve porque estava me sujeitando a um processo de eleição e me sujeitava em qualquer condição: fosse com eleição (e deixei isto claro, foi inclusive gravado, "ilegalmente gravado") deixei claro que seria candidato em qualquer condição, fosse eleição di-

ção. Se existisse, também não a poderia receber, porque já estou no teto.

Com relação ao RDIDP, por exemplo, eu o considero importante e já manifestei isto em outro jornal da UNICAMP. Acho que tem que controlar as atividades de cada professor, inclusive do professor reitor, do professor coordenador de Centro é o Departamento. Compete ao Departamento verificar todas as atividades do professor. O Departamento tem que saber da compatibilização entre o que é liberdade acadêmica e aquilo que é compromisso com a sociedade, e poder avaliar cada um dos seus professores pelas suas atividades acadêmicas, de ensino, de pesquisa e de prestação de serviço à comunidade. Considero este um dos pontos fundamentais para que nós tenhamos uma universidade forte: é o Departamento ser forte e o Departamento só será forte à medida que houver um estímulo para que os líderes acadêmicos com recursos possam administrá-los.

FAPESP, por exemplo”; “Na escolha dos diretores de unidade o senhor mencionou ser ponto de seu programa a eleição direta destes diretores pelas respectivas comunidades. Neste caso, às congregações caberia somente homologar o nome eleito? Por que o senhor considera que este procedimento permitiria avançar a qualidade acadêmica da UNICAMP? Como este procedimento contribuiria para o fortalecimento dos órgãos colegiados (no caso, as congregações), fortalecimento este que tem sido amplamente reconhecido como necessário para a UNICAMP? Qual deveria ser o peso de cada categoria — docente, discente, funcionário — nesta eleição?” “Se eleito adotará o sistema de prevenção a roubos tal qual é usado hoje na Elétrica? Não seria mais correto aperfeiçoar um sistema aonde evita-se prejuízo ao patrimônio e ao mesmo tempo não coloca suspeitas sobre docentes e funcionários?” “É voz corrente na Universidade que o senhor habitualmente se abstém em votações importantes no CONSU e que é omissivo na participação em reuniões chegando a se sentar ao lado do seu diretor associado, deixando a ele a incumbência das manifestações. Isto é verdade?”

Agora as perguntas dirigidas ao Hermano e ao Celso: “É voz corrente na Universidade que os senhores estão procurando pessoas para que haja um quarto candidato a reitor numa frente contra a candidatura do Prof. Vogt. Com isto compromete também as suas candidaturas, poderia explicar por que?” “É verdade que existe um acordo entre vocês que seria: o Prof. Hermano apoiaria o Prof. Celso internamente ou o Prof. Celso apoiaria o Prof. Hermano externamente, conforme a tendência do processo sucessório principalmente se houver crescimento da candidatura Vogt?” “A ADUNICAMP tem apresentado em sua pauta de questões a idéia de participação desta entidade através de representantes nas instâncias universitárias voltadas às questões acadêmicas. O senhor poderia comentar sobre a conveniência deste tipo de procedimento onde uma entidade de característica prioritariamente sindical participaria de avaliações e decisões de caráter acadêmicos?”

Esta é para os 3: “A autonomia financeira de 8.4% foi arrancada do governo do Estado após uma greve de 80 dias considerada inoportuna pelo atual reitor. Você considerará também greves na Universidade como inoportunas?” “Qual a sua posição sobre uma Estatuinte paritária para a confecção de um novo estatuto para a Universidade?” “Qual a proposta dos reitoráveis para a política salarial da universidade?” “Como será a reestruturação da carreira dos funcionários? A reestruturação começará agora?” “Gostaria que falasse sobre os quadros de carreira. Como serão as avaliações/promoções, visto que existem funcionários mau avaliados e em consequência sem as promoções devidas?” “Gostaria que falassem so-

bre salários e reajuste dos mesmos e qual o critério que adotariam, se seriam os salários de mercado ou de avaliação própria. Exemplificamos o caso de um faxineiro, teria este reajuste pelo mercado ou por critérios próprios?” “Gostaria que falassem sobre organização e método na Universidade, e a forma que achariam para resolver os trâmites burocráticos que tanto emperram a máquina administrativa. Se tivéssemos que provar estarmos vivos quando a justiça declarar-nos mortos acho extremamente competente, mas não é este o caso. Qual a solução para tanto papel?” “Diga de uma maneira geral qual a sua proposta para a Universidade nos seguintes pontos: segurança, saúde e benefícios e recursos humanos?” “Como viabilizar custos de cursos noturnos já que como o senhor disse em seu discurso é necessário abrir a universidade a noite, o que envolve custos adicionais de refeições, pessoal, transporte, etc.” “O senhor aceitaria indicação para reitor mesmo

da comunidade. Isto para mim é uma condição pessoal inarredável. Eu suspeito — ocorrerá certamente com os meus dois colegas — que não vai ser possível responder à todas as perguntas. Vou primeiro responder às perguntas que foram só para mim, depois farei uma seleção nas demais.

Aqui tem uma pergunta a respeito de pesquisa e qual seria a posição da UNICAMP frente as agências financiadoras de pesquisa e mais particularmente como seria a questão relativa à FAPESP. O que ocorreu com a FAPESP foi algo bastante simples de explicar. A receita da FAPESP que durante o ano de 89 era cerca de 40 milhões de dólares, foi duplicada por força de um dispositivo constitucional e passa a ser de 80 milhões de dólares. O que acontece é que na receita que foi executada o ano passado na FAPESP, cerca de 50% se destinava a bolsas e 50% a projetos. Como este volume foi agora duplicado e a procura por bolsas e a concessão de

expressiva participação — propostas de pesquisas do tipo “balcão” — porque existe sempre o pesquisador talentoso, a pessoa que tem dificuldade de relacionamento que quer avançar com a pesquisa de acordo com seu próprio discernimento e seu próprio critério. Agora, uma política científica — tanto para a nação como para a Universidade — implica escolher áreas prioritárias, implica em fazer pesquisa dirigida, devidamente organizada dentro da Universidade (a exemplo do que já foi começado mas infelizmente não foi continuado). Deveriam ser criados programas de pesquisa integrados que escolhessem e articulassem propostas de diferentes locais da Universidade e permitisse que ao invés de cada pesquisador ir batalhar pela sua proposta, que fosse batalhado por exemplo a nível do pró-reitor de pesquisa ou mesmo pelo próprio reitor, que pegava este programa como um todo e iria trabalhar no sentido de obter financiamentos mais expressivos para toda a Universidade. É a chamada Pesquisa Dirigida.

Outra pergunta é a respeito da redistribuição de poder. A redistribuição de poder que eu imagino para a Universidade é que deva ser diminuído o poder do reitor e aumentado o poder dos conselhos. Muitos aspectos de decisões que são tomadas dentro dos conselhos (do Conselho Universitário em particular) poderiam passar muito adequadamente, sem qualquer prejuízo, seja para sua Câmaras, seja para a Comissão Central de Pós-Graduação, seja para a Comissão Central de Graduação. Seria um fortalecer de posição no sentido de baixar atribuições. Muita coisa também poderia ser decidida ao nível das Congregações. Isto tornaria da Universidade mais ágil e o Conselho Universitário mais efetivo.

Outra pergunta, a respeito de eleição direta de diretores: Bem, eu sou a favor de eleição direta de diretores por prática e convicção pessoal. O diretor dedica boa parte do seu tempo, certamente a maior parte de seu tempo, à resolução de problemas internos da sua unidade, à organização de problemas da sua unidade e é importantíssimo a respeitabilidade, a representatividade que ele tem dentro da unidade. Eu não vejo porque reservar este poder monárquico ao reitor de escolher numa lista tríplice quem deve ser o diretor de uma certa unidade. Eu acho que cabe ao reitor aceitar a posição da comunidade e sentar-se junto com este cidadão e trabalhar e tocar a Universidade para a frente.

Se pergunta finalmente na mesma questão qual deveria ser o peso de cada categoria — docente, discente, funcionário — nesta eleição. Não sou a favor da paridade, eu sou a favor do 3/5, 1/5, 1/5. Eu faço questão de me declarar respeitoso frente à democracia, minha posição hoje é a favor de 3/5, 1/5, 1/5. Temos que praticar o 3/5, 1/5, 1/5 e, caso venha a se adotar uma porcentagem diferente, antes tem que ser discutido para



Prof. Vogt

“A graduação deve ser ensino formador e não só informador”

não sendo o primeiro da lista da comunidade?” “Qual o critério a adotado para a escolha de sua equipe de gestão?” “Como o senhor pretende fazer uma reforma administrativa como citado em seu discurso?” ... “Temos hoje na Universidade uma situação na qual as chefias e direções são indicadas a partir da avaliação unilateral dos responsáveis por cada área possibilitando inúmeras nomeações políticas ou de afinidades pessoais. Acredito que com concursos internos esta possibilidade seria praticamente reduzida permitindo que os cargos sejam ocupados pelas pessoas mais capazes e competentes a partir de critérios públicos e iguais para todos. Qual a posição dos 3 reitoráveis a respeito?”

PROF. HERMANO: Antes de tudo eu gostaria de declarar — é uma pergunta que foi feita para os 3 candidatos — que eu só aceitaria vir a ser escolhido reitor pelo governador se eu fosse o primeiro

bolsas é uma coisa relativamente inelástica a gente não deve esperar que o volume aplicado a bolsas duplique, ou seja, passe de 20 para 40 milhões. O que se espera é que passe de 20 para 20 e poucos milhões (não chegará a 25, este aumento será muito pouco expressivo). O grande volume de aumento que a FAPESP ganhou nesta nova Constituição vai ser dedicado a pedidos de auxílio à pesquisa, da maneira como a FAPESP atua atualmente. Eu acho uma oportunidade excelente para a UNICAMP ter uma posição agressiva de apresentar um maior número de projetos, de se organizar mais internamente para fazer projetos e cavar um espaço na FAPESP que até o momento ela não foi capaz de cavar. Para isso eu acredito que um dos instrumentos mais eficazes que a gente pode ter (não só para a FAPESP, mas para a aproximação com todas as agências) é nós organizarmos internamente em termos de programas dirigidos. Eu acho que a Universidade deve ter uma

ser mudado. Não pode ser mudado "de afogadinho" no meio do processo. Isto é geral, não só para o diretor como também para eleição de reitor, e possivelmente outras eleições. Quero dizer também que acho que a representação dos funcionários no Conselho Universitário é absolutamente insuficiente. Eu digo isto em vista do que eu vivi também no Conselho Universitário.

Aqui uma pergunta a respeito de roubos. Eu vou ter que pedir desculpas à plateia mas eu vou explicar uma "historiazinha". Eu sou diretor da Faculdade de Engenharia Elétrica há cerca de 3 anos. Desde que eu assumi a diretoria existiam com certa regularidade furtos na escola. A primeira coisa que eu aprendi ao nível policial é que há uma diferença entre furtos e roubos. Roubo é quando o cara quebra a porta; o furto é quando não há arrombamento, provavelmente a pessoa que levou aquele equipamento tinha a chave do local de onde saiu o equipamento. Bom, eu tinha furtos regulares na minha escola. Consultei o DGA que me assegurou que furtos desse tipo existem em toda a Universidade. Eu não tenho conhecimento para comprovar isto. Finalmente na altura do Carnaval do ano passado, durante 3 finais de semana consecutivos houve furtos — não roubos! — furtos importantes na minha escola. Roubou-se por exemplo, um osciloscópio que custava 5.000 dólares. No meu pobre orçamento, não é fácil arranjar 5.000 dólares, eu não poderia permitir aquilo. Eu me senti absolutamente responsável pelo que estava acontecendo, e consultei profissionais da área. Consultei policiais, detetives, delegados, inclusive através da reitoria. Não consegui outra sugestão que não fosse fechar a escola. Minha escola tinha 14 portas, eu fechei 12 portas. Ficaram 2 portas abertas, com guardas na frente que exigem revista de pessoas que entram e que saem com malas de lá. Eu não sou policial, não me empolga esta solução. Se tiver uma solução mais respeitosa eu acho que a gente tem que adotar mas eu não posso fechar os olhos para este problema e fazer de conta que ele não existe. Então, infelizmente faz um ano que isto ocorreu e, embora eu tenha pedido insistentemente às pessoas que me fizessem sugestões a respeito do problema, eu não recebi sugestões, até agora, de

outra maneira como proceder, e avanço para minha felicidade que não houve mais nenhum furto desde então na minha escola.

Aqui tem uma outra pergunta dizendo "que é voz corrente na Universidade que o senhor se abstém de votações importantes no CONSU e que é omissivo...pá, pá, pá... Bem, uma parte desta pergunta não é verdade. Eu apenas uma vez sentei ao lado do meu diretor associado porque eu estava em férias. Em consultei a reitoria antes, através dos seus advogados, e estando em férias eu não tinha direito de participar do Conselho. Se alguém for capaz de levantar isto como sendo mais de uma vez por favor declare aqui. Se aconteceu apenas uma vez eu sei qual foi a reunião e sou capaz de provar que estava em férias. Além do mais: eu não tirei férias propositalmente para faltar a esta reunião, esta reunião foi marcada de última hora como acontece com a maioria das reuniões do Conselho Universitário, o que eu considero errado. As reuniões do Conselho Universitário deveriam ter calendários e as pessoas deveriam estar preparadas, deveriam receber as pautas com antecedência para ter oportunidade de discutir.

Eu acho que acabaram aqui as perguntas particulares que me foram feitas, agora eu vou às perguntas dirigidas a dois dos candidatos, particularmente Hermano e Celso.

A primeira é a respeito de apoios internos e externos trocados entre Celso e eu. Conheço o Prof. Celso há cerca de 20 anos, sou professor aqui há 20 anos e quando cheguei aqui na UNICAMP o Celso era aluno da Faculdade onde eu trabalhava; na época os cursos de Mecânica e Elétrica eram juntos. Eu mantenho relações cordiais com o Celso, não fiz nenhum acordo declarado com ele, se vier a fazê-lo, faço questão de publicá-lo e acho que sistemas eleitorais que se organizam em 2 turnos, organizam-se declaradamente para permitir acordos no 2º turno. Espero que isto não seja surpresa para ninguém caso venha a ocorrer.

Há uma pergunta aqui sobre a procura de um 4º candidato a reitor. Eu acho que esta pessoa deveria fazer a pergunta diferente. Em todos os locais que eu conheço o 2º turno é sempre dis-

putado entre 2 pessoas. Houve uma evidente manobra no Conselho Universitário da UNICAMP para que o 3º turno fosse disputado entre 3 pessoas, para embolar o resultado. Eu quero dizer que se for possível resgatar esta situação e ter no 2º turno apenas 2 pessoas concorrendo, eu contribuirei para isto. Isto está declarado publicamente!

A outra pergunta é a respeito de que a ADUNICAMP apresentou uma reivindicação de participar em situações acadêmicas na Universidade quando ela é um organismo sindical. Bom, grosso modo eu concordo com isto aqui, eu acho que o principal traço da ADUNICAMP é o traço sindical. Eu já fui presidente da ADUNICAMP e me sinto muito à vontade para abordar e olhar as questões da ADUNICAMP: o principal traço é o traço sindical. Mas seria apegar muito a ADUNICAMP reduzi-la ao traço meramente sindical. Eu acho que a ADUNICAMP deve opinar também a respeito de problemas acadêmicos. Se for isto que o perguntador quis sugerir, eu acho que ela não deve ter uma participação ativa em comissões acadêmicas oficiais (uma participação com voto, etc) mas estas comissões deverão sempre estar abertas para a ADUNICAMP, para as demais associações classistas para receber questões propostas, etc. Esta é a minha posição.

Eu vou me desculpar com o público porque não vai ser possível responder todas as questões. Qual a proposta dos reitoráveis para a política salarial da Universidade? — Eu quero dizer que eu não tenho ainda uma proposta acabada para política salarial da Universidade mas — também um pouco pela minha experiência de ADUNICAMP — eu acho que a política salarial praticada nesta Universidade é um escândalo. Se você pegar dados da UNICAMP dos últimos 20 anos você vai ver que os salários (eu tenho dados muito bem levantados a respeito de docentes por causa do trabalho executado pela ADUNICAMP), você vai constatar que os nossos salários variaram nos últimos 15 anos em níveis que vão de 4 a 1. Isso não é uma política respeitável em nenhum lugar do mundo e uma política salarial não é só uma questão de agradar grupos e ter aspecto sindical. O pro-

blema é que a Universidade tem que se proteger contra a erosão do mercado. Se os nossos salários caem exageradamente a gente é erodido pelo mercado e está o tempo todo perdendo capacidade potencial.

Tem outra pergunta aqui sobre greve — eu não acho greves inoportunas e é muito fácil a pessoa constatar que as grandes greves nesta Universidade ocorreram exatamente nos momentos de grandes picos negativos de salários. Então elas são oportunas e contribuíram absolutamente para que a Universidade não se acabasse porque se a gente ficasse com os níveis salariais que davam na época, esta Universidade ia sofrer erosões insuportáveis. É preciso uma política salarial e esta política salarial tem que ser protetora dos quadros da Universidade.

HELENA: Passamos agora às questões para o Prof. Vogt: "Prof. Vogt, como serão escolhidos seu vice-reitor e pró-reitores? Irá indicá-los Comunidade Universitária antes da consulta para que sua equipe possa ser avaliada conjuntamente com sua candidatura?"; "O senhor continua favorável a que os 5 pró-reitores — figuras da confiança do reitor — tenham assento e voto no conselho Universitário?"; "Algumas pessoas dizem que o senhor sempre usou a implantação do quadro de carreira para fins eleitorais. Este comentário se tornou agora mais acirrado. Gostaria que o senhor comentasse. "A reforma administrativa tem sido bastante controversa. Qual a sua participação no que foi feito até agora pela reforma e como o senhor pretende trata-la caso seja reitor?"; "O Senhor ao longo dos últimos anos recebeu sempre inúmeras comissões de funcionários encaminhando as questões por estas levadas. Isto continuará se o senhor vier a ser o novo reitor?"; "Está definido para eleição do reitor uma consulta à comunidade em dois turnos no final da qual será fornecida uma lista tríplice em ordem que será submetida ao CONSU. Qual a vinculação ao seu ver entre o processo na comunidade e o processo no CONSU?"; "É possível candidatos que não participaram do processo na comunidade disputar no CONSU?"; "Como o senhor pretende manter equilíbrio entre investimentos em recursos humanos e



**PROTEÇÃO
TOTAL**

| | | | |
|---|--|---|---|
| <p>1 - FORMA DE PAGAMENTO O SEGURO DE SEU AUTOMÓVEL PODERÁ SER PARCELADO EM ATÉ 4 VEZES.</p> | <p>4 - GUINCHO GRÁTIS 24 HORAS À DISPOSIÇÃO EM CASO DE ACIDENTE.</p> | <p>7 - LUZES E FREIOS VOCÊ GANHA UMA REVISÃO COM SUBSTITUIÇÃO GRATUITA DE LÂMPADAS.</p> | <p>9 - DISPOSITIVO ANTI FURTO CORTA A IGNIÇÃO SIMULANDO UM DEFEITO DE PARTIDA</p> |
| <p>2 - BRAKE LIGHT UMA TERCEIRA LANTERNA DE FREIO, MUITO MAIS EFICIENTE, GRATUITO PARA APÓLICES DE SEGURO TOTAL</p> | <p>5 - CENTRAL 24 HORAS DE ATENDIMENTO VOCÊ TEM A SEGURANÇA DE SER BEM ORIENTADO E INFORMADO SOBRE O SEU SEGURO.</p> | <p>8 - OFICINA VOCÊ PODE UTILIZAR A OFICINA DE SUA ESCOLHA OU QUALQUER UMA DO GRUPO PORTO SEGURO.</p> | <p>10 - BÔNUS MANUTENÇÃO DE BÔNUS EM CASO DE RENOVAÇÃO DE OUTRAS SEGURADORAS</p> |

15% DESCONTO AOS ASSOCIADOS DA ADUNICAMP.

GARANTIA



**PORTO SEGURO
SEGUROS**

custeio?"; "Houve nesta gestão uma real preparação na Universidade para que os cursos noturnos possam ser implantado?"; "Como o senhor avalia a situação atual do sistema bibliotecas da UNICAMP?"; "O senhor tem fama de autoritário. Comente."; "Como o senhor vê a nova situação da UNICAMP com a autonomia?"; "Eu acredito que a Universidade é um reflexo dos seus departamentos, unidade primeira de funcionamento. Como se pode querer melhorar a Universidade se os professores não têm sequer mesa para se sentarem para trabalhar?"; "Tendo em vista a sua candidatura a reitor, por que o senhor não de desencompabilizou?"; "Qual o seu posicionamento quanto a reivindicações de paridade na representação dentro dos órgãos colegiados? O que faria para implementá-la, caso seja favorável?"; "Qual a sua política de gerenciamento do orçamento da Universidade levando em conta as aspirações de autonomia dos departamentos?"; "Você defende composições paritárias para CCA com representantes dos funcionários sendo eleitos diretamente?";

Leio novamente as perguntas para os 3: "Qual a proposta dos reitoráveis para a política salarial da Universidade?"; "Qual a sua posição sobre uma Estatuinte paritária para a confederação de um novo estatuto para a Universidade?"; "A autonomia financeira 8.4% foi arrancada do governo do Estado após uma greve de 80 dias considerada inoportuna pelo atual reitor. Você considerará também greves na Universidade como inoportunas?"; "Como será a reestruturação da carreira dos funcionários? Começará agora?"; "Gostaria que falasse sobre os quadros de carreira: como serão as avaliações, promoções, visto que existem funcionários mal avaliados e, em consequência, sem as promoções devidas?"; "Gostaria que falassem sobre os salários e reajuste dos mesmos e qual o critério que adotariam: se seriam com os salários de mercado ou de avaliação própria. Exemplificamos o caso de um faxineiro — teria este reajuste pelo mercado ou por critérios próprios?"; "Gostaria que falasse sobre organização e métodos na Universidade e a forma que achariam para resolver os trâmites burocráticos que tanto emperam a máquina administrativa. Se tivéssemos que provar estarmos vivos quando a justiça declarar-nos mortos acho extremamente competente, mas não é este o caso. Qual a solução para tanto papel?"; "Diga de uma maneira geral qual a sua proposta para a Universidade nos seguintes pontos: segurança, saúde e benefício e recursos humanos?"; "O senhor é a favor de eleição direta e partidária para escolha do reitor? No caso afirmativo porque está participando de um processo não direto?"; "O senhor define sua política para a UNICAMP como de continuidade da exercida pelo reitor Paulo Renato?"; "O senhor aceitaria indicação para reitor mesmo não sendo o primeiro da lista da

comunidade?"; "Qual o critério adotado para escolha da sua equipe de gestão?"; "Como candidato à reitoria o senhor é a favor ou contra a paridade nesta eleição?"; "Numa situação na qual as chefias e direções são indicadas a partir da avaliação unilateral dos responsáveis por cada área possibilitando inúmeras nomeações políticas ou de afinidades pessoais acredito que com concursos internos esta possibilidade seria praticamente reduzida permitindo que os cargos sejam ocupados por pessoas capazes e competentes a partir de critérios públicos e iguais para todos. Qual sua posição a respeito?";

PROF. VOGT: Bem, eu vou responder às perguntas que me forem dirigidas pessoalmente e depois passo às questões mais gerais. A questão da escolha do coordenador geral da Universidade que tem como uma de suas funções a de vice-reitor, pela atual situação, dos atuais estatutos e dos pró-reitores. Uma equi-



Prof. Hermano

"O reitor não deve ser o presidente do Conselho Universitário"

pe se monta a partir da análise de perfis, de análise da adequação das pessoas às atividades e às responsabilidades das funções. Dentro do estatuto atual da Universidade os pró-reitores e o coordenador geral são indicados pelo reitor e são homologados pelo Conselho Universitário. Uma equipe se monta a partir não da divisão de cargos e não de troca de benesses dentro de um processo eleitoral. Quero dizer claramente que participando deste processo e discutindo, trabalhando com vários docentes, com funcionários, com estudantes, com pessoas de diferentes categorias estamos discutindo um projeto. Começamos há longo tempo a discutir e a elaborar esse projeto, de forma que, segundo penso, a eficiência, a eficácia, a capacidade de uma equipe nascerá da discussão que se fará dentro dos objetivos, das metas que queremos atingir de desenvolvimento, no salto de qualidade, como eu disse. Quanto a que os pró-reitores tenham assento e votem no

Conselho Universitário, de acordo com os atuais estatutos nada mais natural, já que eles são indicados pelo reitor e homologados pelo Conselho Universitário, e fazem parte evidentemente do processo de administração se bem que de uma administração temática e horizontal dentro da universidade.

Quanto à questão do quadro de carreiras e o acirramento do comentário eu só gostaria de dizer que, de fato, em períodos eleitorais aumentam as pressões — que são grandes — para que as pessoas possam às vezes conseguir benefícios que são célebres benefícios de fim de mandato, ou de promessas. No entanto, nós da Comissão Central e as pessoas envolvidas com o processo de avaliação da carreira não estamos de forma alguma promovendo nem fazendo nenhuma alteração de qualquer natureza, nem na sua estrutura, nem nos seus procedimentos. Há pontos críticos que merecem ser tratados (eu já respon-

de condução, à forma de motivação, à forma de participação dos servidores e dos setores interessados (diferentes unidades, etc). O que tenho dito é que esta reforma juntamente como a política de recursos humanos se faz fundamental para a Universidade para, que dê o passo de modernização de que nós falávamos em nossas estruturas. Nesse sentido há duas coisas de que eu me ocuparei pessoalmente até vê-las implantadas: uma é a reforma administrativa e outra é a carreira até o momento em que eu julgar que ela está de fato em condições de andar e caminhar de maneira adequada.

Esta pergunta diz respeito à minha participação em inúmeras comissões de funcionários. É claro, fazia parte um pouco das minhas atribuições, eu pretendo estar presente e bastante presente — como é o meu estilo — em todas as atividades da Universidade e pretenderei dividir os trabalhos de maneira racional e organizada fazendo que as pró-reitorias funcionem também de maneira integrada — que é um ponto importante deste processo — no atendimento das questões que forem impostas do ponto de vista administrativo, do ponto de vista temático, do ponto de vista funcional.

Quanto a esta questão sobre a eleição do reitor eu quero deixar claro duas coisas. 1º) eu tenho dito, e disse aos meus adversários também que julgo que esta eleição será a mais eminentemente institucional de todas quantas houve na Universidade. Os temas serão institucionais, as razões e as motivações serão institucionais e é em torno destes temas: qualidade de ensino, pesquisa, extensão, qualidade dos serviços, política de recursos humanos, reforma administrativa e modernização de todo o aparelho que aqui está é que nós discutiremos a sucessão. É sobre projetos que têm objetividade no sentido dos interesses da Universidade. Para que um reitor possa executar um projeto como este é preciso que ele tenha o apoio das comunidade e para que ele tenha o apoio da comunidade é preciso que ele seja indicado pela comunidade. Isto está dito e re-dito através de manifestações, de conversas com o governador, programa de rádio e está dito e manifesto na escolha que o governador fez do reitor da USP. Eu quero só dizer uma pequena coisa: eu digo categoricamente que serei o reitor escolhido e indicado pela comunidade em primeiro lugar e pelo Conselho Universitário. É assim que eu vejo porque, é importante que se diga isto com clareza, nós não podemos fazer modificações sem levar em conta que alterações na organização das estruturas da Universidade, no exercício dos poderes legislativos, executivos, etc. não podem ser feitas de modo leviano porque nós não podemos querer órgãos colegiados fortes (sejam as Congregações, sejam os conselhos, seja o Conselho Universitário) e ao mesmo tempo esvaziar esses órgãos colegiados do poder maior que

do a 2ª pergunta), há vários pontos relativos à estrutura, relativos aos procedimentos que merecem ser tratados, eles estão sendo discutidos, nós faremos um grande encontro da Comissão Central com as Comissões locais depois das eleições, e, deste simpósio é que nascerão as propostas de modificação. Serão propostas que, evidentemente, serão consideradas não só à luz do desejo, mas também à luz do desejo de manter estruturada e funcional a carreira dentro da Universidade.

Quanto à reforma administrativa eu quero dizer que eu participei muito lateralmente desse processo. Na divisão dos trabalhos não coube a mim a condução deste processo. Sei hoje que a reforma necessária do ponto de vista tecnológico, do ponto de vista técnico, do ponto de vista estrutural, para ela faz-se também necessário que nós retomemos vários pontos importantes. São pontos que dizem muito mais respeito à forma

eles têm que é o poder de participar de modo ativo nos momentos cruciais do processo. Acho que nós caminharemos na Universidade para uma integração cada vez maior entre o Conselho, entre as Congregações, entre os Conselhos de Departamento e a comunidade como um todo. Que o Conselho tenha que ser modificado na sua composição acho que isso é uma realidade para várias categorias. Há várias unidades e órgãos que pela importância e pelo tamanho deveriam ter representação no Conselho. Como eu disse, medo de mudança a UNICAMP não tem, é só preciso que nós discutamos estas mudanças de maneira séria, objetiva e com o equilíbrio necessário para que a mudança não se transforme num cataclisma contra a instituição.

O equilíbrio entre investimento e recursos humanos: com a política nova vocês sabem que nós tivemos o ano de 1989 que foi certamente um dos melhores do ponto de vista orçamentário. Nós investimos algo como 78% dos recursos para pagamento do pessoal ficando 22% para custeio e o investimento. A projeção para 90, a manter-se esta política, fará com que nós tenhamos algo com 85% para pessoal e 15% para custeio e investimento se tivermos uma inflação — projetada aqui, no caso, — de 53,5%. Como há expectativas de que inflação baixe, pelo menos durante alguns meses do ano, claro que isto terá consequências positivas também no nosso orçamento. Acho que uma política salarial, uma política de investimentos deve ser uma política equilibrada. Nós temos que ter, com clareza, a dimensão dos recursos de que dispomos e fazemos uma política equilibrada entre pessoal e investimento e custeio.

O sistema de bibliotecas da UNICAMP: este é um dos pontos fundamentais do processo de modernização da Universidade. A Universidade cresceu de 86 para cá — em termos de livros — algo como 20.000 volumes por ano. Hoje a Universidade tem 230.000 volume e tem algo como 6.000 e poucos periódicos assinados. Isto dá, na Universidade, uma média de 13 volumes, mais ou menos, por usuário e põe a Universidade de Campinas como a 4ª Universidade, em termos de biblioteca, entre as Universidades brasileiras. Mas é pouca ainda, isto é pouco porque nós tivemos um longo período de marasmo no que diz respeito ao sistema de bibliotecas. Com a criação da Biblioteca Central, com o Sistema integrado de bibliotecas, com a modernização das Bibliotecas Setoriais, com a criação da Biblioteca das Engenharias (que está projetada e vai ser feita) nós certamente deveremos projetar para a ampliação de nosso acervo algo como um crescimento da ordem de 37.500 volumes por ano, o que significa um investimento na ordem de mais ou menos 3 bilhões de cruzados para a biblioteca. Diz o "Book of the year" da Enciclopédia Britânica de 1987, que a erosão de uma Universidade começa e

termina pela erosão do seu sistema de bibliotecas. Este é um aspecto da vida intelectual, da bibliotecas: Este é Um aspecto da vida intelectual, da vida acadêmica e da vida cultural da Universidade bastante importante.

Quanto à fama de ser autoritário — eu tenho outras famas também Mas eu acho que o que existe é uma confusão entre exercício da autoridade com autoritarismo: Eu acho que vindo de um processo longo de ditadura militar produziu-se, como se produz sempre, um monstro que é tão terrível quanto o autoritarismo, que é a falta de autoridade. Não sou omissivo, sou presente. Decido as questões que cabem à minha função decidir. Essa é uma das responsabilidades que todos nós temos que ter no exercício efetivo da democracia. Não dá para transferir responsabilidades. Penso que aí há uma confusão entre o autoritarismo e o exercício efetivo da autoridade.

do governador, no gabinete dos secretários. Nós só pudemos fixar uma política salarial para a Universidade no momento em que as Universidades passaram a administrar os seus próprios recursos. E é isto que está se fazendo, é isto que se faz e é isto que evidentemente, nos vamos aperfeiçoar. Tecnicamente há muitas soluções para isto mas é preciso, evidentemente que nós tenhamos a capacidade de nos adequar também às condições da política econômica do país procurando sempre atuar no sentido de seu aperfeiçoamento. Em relação às greves: Não sou contra. Acho que a greve é um direito de todos. Durante a greve de 1988, realizamos aqui um momento importante do Seminário Brasil Século XXI — o seminário sobre cultura. Conversamos com o comando de greve e o Encontro foi realizado como atividade dentro do processo de greve. As greves fazem parte do processo de desenvolvimento de qualquer sociedade democrática.

PROF.HERMANO: Por favor, então é a minha primeira pergunta para o Prof. Vogt. É o seguinte: "Brevemente eu pretendo me licenciar do cargo que atualmente ocupo por eleição, que é o cargo de Diretor da Faculdade de Engenharia Elétrica. Você é vice-reitor e candidato a reitor, estão sob seu controle questões relativas a funcionários, por exemplo através da CCA, questões da distribuição de verbas e execução de orçamento, decisões sobre o andamento de obras, etc. Você acha correta esta situação ou você crê que deve se afastar do cargo durante o período eleitoral?"

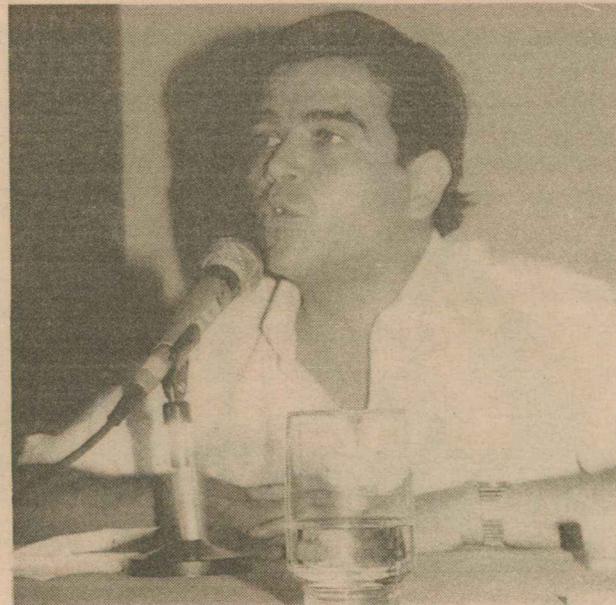
PROF.VOGT: Eu gostaria de observar dois pontos. O primeiro é que eu sou uma pessoa extremamente leal em relação à regras que nós decidimos e juntos construímos. Leal no sentido que, uma vez fixadas as regras, e o jogo tendo começado, eu, por definição, em todos os momentos da minha vida sempre me recusei a alterá-las para que não houvesse exatamente interpretações de casuismo enquanto o jogo está se desenvolvendo. Vou dar um exemplo concreto: eu estava na Europa em visita a Universidade da Holanda, da Alemanha, da Bélgica, da Inglaterra quando soube que havia, por parte do Prof. Paulo Renato, num telefonema, a intenção — motivado pela simples questão pessoal — de querer terminar o seu mandato, caso tivesse de deixar o cargo antes de 18 de abril de propor uma alteração de calendário para as eleições na Universidade (coisa de 10 dias). Quando eu voltei — Prof. Paulo tinha ido para os Estados Unidos — eu me reuni com algumas pessoas, conversamos, manifestei a minha posição pessoal contrária à alteração desta ou de outras regras. Como disse um dos nossos diretores, o Prof. Bernardino, qualquer um dos candidatos se sentisse prejudicado pela alteração não deveria haver modificações. Manifestei juntamente com outros diretores minha posição contrária. O calendário não foi alterado. Penso que nós não devemos — para a lisura para a transparência e para a qualidade do processo — tentar mexer em nada agora. Qualquer coisa em que se mexer resultará em interpretações favoráveis de um lado, desfavorável de outro.

PROF.HERMANO: Pergunta para o Prof. Celso: "Centros e Núcleos são opinião de muitos — encarados como fontes de poder paralelo. Você é ligado ao CEPETRO, um centro reconhecidamente rico. Qual a sua opinião sobre este problema? Você proporia alguma modificação na estrutura dos Centros e Núcleos?"

PROF. CELSO: Com relação aos Centros e Núcleos eu acho que eles são necessários, às vezes de forma permanente e às vezes de forma provisória. O Centro específico ao qual estou ligado, o CEPETRO, (eu sei que o arguidor, o Prof. Hermano, diz que uma das coisas

Prof. Celso

"Os professores devem ser avaliados pelos alunos"



A questão das condições do crescimento em qualidade da Universidade, quando eu falei do crescimento vertical, isso significa exatamente um investimento grande em qualidade. Digo isto sobre todos os aspectos, desde o crescimento em qualidade ambiental, da climatização das salas, de espaço para os professores, de sala de aula, de laboratórios, de crescimento da qualificação técnica dos nossos funcionários, tudo isto faz parte de um processo que, em conjunto, propicia, permite este salto de qualidade de que eu falei. Este é um processo, não é uma solução "Big Bang" não é uma solução em que nós podemos imaginar que a Universidade para e daí nós começamos tudo outra vez. Todos nós fazemos parte deste organismo e eu acho que muitas das coisas MUDARAM, estão mudando e mudarão mais ainda em decorrência das condições em que passamos a exercer a autonomia. Claro, a nossa política salarial antes, era decidida no gabinete

A questão das taxas da FUNCAMP — há várias questões técnicas aí, acho que tudo isto pode ser analisado, revisito. Teríamos que comentar tecnicamente esta questão e talvez não haja mais tempo, porque parece que meu está esgotado, quem sabe numa outra oportunidade.

Gostaria de agradecer e dizer que no que diz respeito à questões gerais eu as incluo dentro da minha apresentação. O projeto é o projeto de crescimento em qualidade e crescimento em qualidade significa uma política global de recursos humanos, administrativo, acadêmica e científica. É isto!

HELENA: Nós vamos passar agora à penúltima parte do debate que é a pergunta entre os candidatos. Cada candidato faz uma pergunta diferente para os outros 2. Pela ordem, o Prof. Hermano faz a pergunta ao Prof. Vogt e ao Prof. Celso que respondem nesta ordem.

que ele sente em relação ao CEPETRO é que este Centro não tenha acontecido dentro da Elétrica, que ele tem muita vontade de participar do Conselho deste Centro) esse Centro é um Centro que tem, a meu ver, um certo sucesso e, com relação a sua existência, ele foi criado para dar origem a um Departamento de Engenharia de Petróleo e, uma vez estando o Departamento implantado, eu acredito que ele poderia até mesmo ser extinto. Acontece que surgiu a possibilidade de se criar um novo convênio com a Geociências e, daí, avançar mais dentro de um contato mais estreito com a Petrobrás, em outras áreas. Caso isto não aconteça, eu acho até mesmo que o CEPETRO possa ser extinto e o Departamento passar a gerir os convênios, por intermédio de um executor de convênios, por intermédio de um executor de convênios — que espero seja eu — já fui determinado por algum tempo. Adotei uma política dentro deste Centro, que espero tenha uma continuidade, porque parece que vem dando certo. Vem dando certo porque tenho trazido pessoal do exterior que recebe aqui salários que a Universidade não poderia pagar e acho que tem sido um dos Centros de maior colaboração internacional. Eu acho importante que aconteçam Centros deste tipo. Com relação aos Centros tipo “asilo” ou “exílio”, eu acho que estes deveriam realmente ser revistos. Com relação ao poder paralelo, também eu já explicito que o poder deve estar com as questões acadêmicas, as questões de pesquisa, as questões de extensão. Tudo isso gerenciado sempre em nível de Departamento. Neste sentido, torno a afirmar que é responsabilidade do Chefe de Departamento saber onde está o seu professor, em que Centro ele se encontra, o que está lá fazendo. É responsabilidade não só do Chefe do Departamento, mas de todo o Departamento. Eu acredito também que existem outros Centros que já têm uma outra condição, Centros que já podem ser considerados como se fossem unidades associadas (como o Centro de Tecnologia), outros Centros que já estão mais bem definidos, mais concretizados, inclusive nas suas propostas finais e não Centros passageiros, como é o caso do CEPETRO. Eu acredito que deva haver realmente uma revisão de Núcleos e Centros, impossibilitando a existência de regência de poder em paralelo. É esta a minha posição.

HELENA: Agora o Prof. Vogt faz pergunta ao Prof. Celso e em seguida ao Prof. Hermano.

PROF. VOGT: Eu vou fazer aos meus adversários perguntas menos eleitorais e mais institucionais. Prof. Celso:

“Um dos temas que são frequentes na história das Universidades e que de fato são fundamentais para o desenvolvimento dessas instituições são as relações claras e objetivas entre universidade e sociedade. Eu gostaria

que o senhor comentasse um pouco a sua maneira de ver como é que se devem dar estas relações.”

PROF. CELSO: Agradeço a oportunidade de explicitar mais um pouco esta minha visão sobre o assunto. Eu acho que a sociedade tem expectativas com relação à universidade e estas expectativas não devem ser frustradas nem ao nível do alunado, nem o nível das suas prestações de serviços e de pesquisa. Neste sentido, eu vejo que uma das maneiras de se assegurar um bom relacionamento entre a universidade e a sociedade é a existência de um Conselho Comunitário, o que está sendo proposto na quarta universidade. É um modo de se assegurar esta relação entre universidade e sociedade. Entendo também que há expectativa — já falei em meu discurso inicial — de que a universidade seja modelo em tudo, inclusive nos seus aspectos internos. O que acontece internamente no campus passa a ser reflexo pa-



Prof. Vogt

“Professores mais graduados devem atuar na graduação”

ra a sociedade, servir de exemplo para a sociedade. Nesse sentido, entendo que é importante que nós tenhamos condições de vida no campus que ditem padrões para a sociedade. Acho que é importante que a sociedade chame os membros da comunidade acadêmica e científica para participar em outros órgãos definidores de política de ciência e tecnologia ou em áreas artísticas, ou em áreas culturais e que receba este pessoal neste seu Conselho comunitário, forçando — por meio deste Conselho — um vínculo mais estreito com a sociedade, numa cobrança mais estreita e também mais efetiva.

Entendo, ainda, que, dentro do esperado, no relacionamento entre a sociedade e a comunidade, a presença de nossos professores, democratizadamente, representando a nossa comunidade externamente (indicados pela reitoria) tenha de fato uma representação fora dela. Do mesmo modo etendo que FA-

PESP, CNPq, CAPES devem nos enviar seus elementos mais representativos para participar do nosso conselho comunitário que eu espero que exista no futuro. Obrigado.

PROF. VOGT: Prof. Hermano: sobre a questão do orçamento que, claro, é um tema importante e cuja importância, como eu disse, cresceu em virtude do novo mecanismo estabelecido pelo decreto do governador relativo aos mecanismos de repasse de recursos para as universidades. O senhor concorda, e já disse isso (disse isso publicamente em sua Congregação) que a administração do Prof. Paulo Renato foi a administração mais competente que a UNICAMP já teve (se não me engano quanto às suas palavras). Essa competência é uma competência que evidentemente tem avançado no sentido de constituir mecanismos que cada vez mais refinem os critérios e estabeleça de modo claro a distribuição orçamentária caminhando

tração Paulo Renato. Eu acho que não é possível ter uma posição maniqueísta e dizer sim ou não, e dizer que nota você dá par a administração (eu já ouvi perguntas deste tipo). Não há um único aspecto a ser visto numa administração. Eu acho que a administração do Paulo Renato foi bastante competente no que respeita o relacionamento externo da Universidade. Ele soube recolocar a Universidade fora dos muros da UNICAMP, soube mostrar o que se faz aqui dentro, teve a coragem de nos expor a críticas e isso eu acho absolutamente importante. Mas também devo dizer — espero que sem agressividade mas como uma constatação do que eu vivi — que a administração do Paulo Renato foi bastante falha nos aspectos internos. Na parte de democracia interna avançou quase nada. O CONSU — que é onde travam as grandes discussões da Universidade, onde pelo menos se deveriam tomar grandes decisões — continua sendo dominado pelo reitor da maneira mais autoritária. Muitas questões de relevante importância não vão sequer ao CONSU, já chegam lá como casos resolvidos. Esta parte eu não estou elogiando. A parte de orçamento (eu tenho já 2 ou 3 anos de discussão de orçamento na minha unidade) é uma discussão absolutamente fragmentada, se faz muita jogo de quem é amigo do grupo que está no poder e isto tem que acabar. Não sou um técnico em contabilidade, não saberia dizer aqui quais são os pontos como deveria se proceder um orçamento para ser tecnicamente perfeito, mas sei com clareza que o orçamento tem que ser uma coisa aberta, transparente, todo mundo tem que ter conhecimento dele sem qualquer hesitação. Não hesitarei enquanto reitor em deixar público tudo o que for decidido a respeito do orçamento.

HELENA: Agora o Prof. Celso faz perguntas, primeiro ao Prof. Hermano e em seguida ao Prof. Vogt.

PROF. CELSO: (Pergunta feita ao Prof. Hermano) Ambas as perguntas que farei revelam a minha preocupação em relação às posturas políticas, administrativas e pessoais dos dois candidatos. Pela fala do Prof. Hermano, eu posso acreditar que poderia contar com ele para compor a minha equipe, caso seja eleito. A pergunta, então, é a seguinte: “O companheiro concordaria em trabalhar na equipe do Professor Vogt, caso ele seja eleito?”

PROF. HERMANO: Eu acho que eu não gostaria de admitir a possibilidade que está contida na pergunta do Prof. Celso. Entretanto, para não deixá-la sem resposta, minha resposta é: absolutamente, não! Eu não me oporei a continuar como diretor da Faculdade de Engenharia Elétrica, um cargo para o qual eu fui legitimamente eleito pelos meus pares dentro da Faculdade, mas eu não aceitaria em qualquer hipótese, um cargo de confiança dentro da admi-

PROF. HERMANO: Antes de mais nada eu quero deixar clara a minha posição a respeito das opiniões sobre a adminis-

nistração Vogt da maneira como o Celso falou. Existem questões de comportamento pessoal, da forma como se trata o problema funcional aqui na UNICAMP, da forma como se trata o problema de orçamento que eu absolutamente não poderia suportar, e por isto eu não estaria em condições de aceitar um convite neste sentido.

PROF. CELSO: (Pergunta feita ao Prof. Vogt) Ainda revelando uma preocupação minha, eu gostaria de fazer agora uma pergunta ao Prof. Vogt: "O senhor é tido e havido como uma pessoa de "pavio curto". No rastro desta fama, podemos contabilizar, aqui dentro da UNICAMP, alguns episódios que poderiam ser até cômicos, se não fossem trágicos, como a expulsão dos alunos do CONSU, o tratamento que o senhor deu aos funcionários, durante a reunião da CCA e, recentemente, a maneira como o senhor tratou a Conselheira Ítala, durante a reunião do Conselho Universitário, sempre evidenciando uma instabilidade emocional, do tipo "prendo e arrebeno". Então, a pergunta que eu gostaria de fazer ao senhor é a seguinte: "Nós, que já escapamos dos militares com terno, tipo Coronel Jarbas Passarinho, não estaríamos correndo o risco de ter aqui, na UNICAMP, um reitor civil de farda?"

PROF. VOGT: Bem, em primeiro lugar queria dizer — este é um comentário que tenho que fazer — que o Prof. Hermano tem o perfil de alguém que eu convidaria para participar de uma equipe de trabalho, embora evidentemente ele já tenha declarado que não aceita. Mas é o perfil das pessoas que me interessam exatamente para compor uma equipe. Em segundo lugar, eu gostaria de dizer que as famas se fazem e se vão. Há um longo trabalho a ser feito na universidade e deste trabalho eu participei de um modo ativo. Creio que, sem nenhuma intenção de auto-elogio, fui na administração do Paulo Renato uma das pessoas que participaram de modo mais presente na condução dos trabalhos aqui dentro; obtive elogios do Prof. Celso Arruda em público na inauguração do prédio da Engenharia mecânica e recebi uma placa do Prof. Celso Arruda que está guardada lá no meu escritório... (risos)... homenageando exatamente a minha eficiência; participei ativamente na vinda do CEPETRO para a universidade, indo a Ouro Preto com o Prol, Celso Arruda e o Prof. Cesar Santana — que aqui está. Tive, portanto, um papel — eu acho — relativamente significativo no processo todo e, é claro, no processo de administração sempre sobram momentos em que as decisões têm que ser tomadas. Claro, houve um momento em que os estudantes no "calor das emoções" invadiram o CONSU e nós evidentemente tivemos que tomar medidas mais drásticas — que elas não sejam transferidas. A falta de autoridade, como já disse, é aliada do autoritaris-

mo. A omissão gorda e conivente prefiro o exercício consciente e ético da autoridade. Então eu quero dizer a vocês exatamente que esta é uma das famas. A perguntajá tinha aparecido. Tenho a impressão de que num momento de mudança forte na universidade é importante que nós tenhamos de fato consciência de que não há mudança que se faça sem a participação da comunidade como um todo e que é preciso que às autoridades constituídas caiba evidentemente o papel de exercer sem medo as atribuições que lhe são conferidas.

HELENA: Passaremos agora à última fase do debate onde cada candidato tem cinco minutos para as suas palavras finais.

PROF. HERMANO: Eu queria aproveitar estes últimos minutos para fazer uma observação a respeito de autonomia. Antes disso eu quero acrescentar uma pequena informação a res-

ma de autonomia. Após uma luta de muitos anos, nem foi no momento mais quente que se chegou a esta vitória, a gente conquistou a chamada autonomia financeira na Universidade. Nos foi atribuído um percentual de 2%. É difícil, como os dados que existem disponíveis, dizer se estes 2% são ou não suficientes. Aparentemente na execução das verbas universitárias que ocorrem durante o ano de 1989, este dinheiro se é que não foi suficiente, pelo menos foi em volume melhor, mais fácil de administrar do que o que ocorreria em anos anteriores. Então, eu acho que autonomia de 2% é algo auspicioso. Se ele nos dá uma liberdade grande de operar, nos dá também muita responsabilidade e, entre outras coisas vamos ter que, responsavelmente, administrar a Universidade contra as suas contratações, contra os seus salários e acho difícil você arriscar opiniões gloriosas antes de ter em mãos esse dinheiro e fazer um planejamento muito meticuloso. Mas cer-

gente deve torná-las públicas. Quero aproveitar meu último minutos para falar um pouco sobre reforma administrativa. Não acredito que a gente vá conseguir exercer razoavelmente a nossa autonomia se não passarmos por uma reforma administrativa séria, que diminua a complicação burocrática e desnecessária dessa Universidade que foi criada deliberadamente para empregar muita gente para fazer andar devagar. Temos que examinar os trâmites burocráticos, simplificar rotinas, fazer um rigoso sistema de treinamento para os funcionários e fazer um sistema de avaliação muito mais sério, um sistema de avaliação que de fato premie a competência, premie a dedicação, que vá atrás do desempenho. Se nós não fizermos isto e não conseguirmo empolgar a universidade numa tarefa deste tipo nós não seremos bem sucedidos. São as minhas últimas palavras, muito obrigado.

PROF. VOGT: Penso que dada à nova situação, definida no nível da Constituição e que se definirá pela Lei Diretrizes e Bases e definida no relacionamento das universidades do ponto de vista dos recursos financeiros e orçamentários com o governo, nós de fato temos condição, agora, de planejarmos a universidade. A questão não é só uma questão de obter ou não recursos, é de ter recursos e planejar as suas aplicações. É poder dentro da universidade termos uma capacidade de previsibilidade necessária para a administração central, necessária para as unidades para que esta previsibilidade do ponto de vista infra-estrutural se reflita em todas as áreas que vão desde os serviços de apoio técnico, administrativo, operacional, de ensino à pesquisa até aos projetos, aos programas integrados, de graduação, de pós-graduação, de ensino, de pesquisa e de extensão na universidade. Creio que a universidade está num momento em que ela precisa administrativamente dar um salto de qualidade capaz de responder à realidade que nós mesmos criamos e nós criamos muita coisa nova. A universidade tem um potencial enorme que se mostra cada vez mais forte quanto mais ela atua na direção da formação qualificada dos seus professores, dos seus profissionais e quanto mais ela se mostra capaz de atuar de modo interado com grandes projetos que deverão modificar não só a estrutura da universidade brasileira mas também a estrutura de ensino médio, a estrutura dos programas de saúde do Estado de São Paulo. Acho que os astros estão alinhados de uma forma positiva, acho que nós temos exatamente que nos preparar para dar respostas administrativas capazes de responder à novidade, ao novo que é rico, da multidisciplinaridade, aos grandes projetos integrados, sermos capazes de auscultar, de ouvir todos os projetos que os pesquisadores propõem e desenvolvem, isto é, a capacidade de ao mesmo tempo programar no grande e de ouvir no particular aquilo que só é próprio de um



Prof. Hermano

"A universidade deve passar por avaliações periódicas"

peito de uma das perguntas que me foram feitas e que já me foi reclamada aqui. É a respeito da minha omissão no CONSU, eu gostaria de já deixar claro que é uma questão de personalidade, eu sou uma pessoa que falo pouco, mas omissão eu acho uma coisa difícil de me ser imputada. Eu estou na universidade há muitos anos, eu sempre participei dos problemas da universidade, eu nunca pulei fora de problemas e nunca deixei de me pronunciar no CONSU em questões capitais e faço mesmo mais questão do que isto; quando há um problema capital no CONSU eu antes submeto à minha Congregação, eu voto de acordo com a minha Congregação. É minha posição. Recentemente dei um voto no CONSU em assunto em que fui voto vencido na minha Congregação, mas eu dei o voto da Congregação e fiz declaração de voto. Isto está registrado em ata.

Eu queria falar agora sobre o proble-

tamente junto com a autonomia universitária nós vamos ter que exercitar um jogo de verdade muito maior do que a gente teve até hoje nesta Universidade. Vamos ter que jogar com muito maior clareza, porque eu vou querer saber quem está na folha de pagamento da UNICAMP, a folha expostas com clareza, didaticamente para você conseguir olhar numa tabela quem é e quem não é ganhador de dinheiro na UNICAMP. Eu quero que isto seja feito sem constrangimento porque provavelmente se for feito hoje será um constrangimento. Gostaria também de saber a respeito das gratificações de representação. Quanto é que representa a gratificação de representação nesta Universidade, quanto se gasta atualmente por conta do "Montorão" ou "Marinzão" ou qualquer coisa deste tipo. Estas coisas nós não vamos conseguir mudar porque estas são leis mas elas são francamente vergonhasas e, pelo menos se elas são leis e a gente não vai conseguir mudar, a

saber que se desenvolve nas áreas específicas. A Universidade está no ponto de sofisticar os seus instrumentos, é preciso que ela crie mecanismos administrativos maleáveis, crie mecanismos administrativos plásticos, para que de fato tudo isso que nós queremos da universidade como resposta ágil, como qualidade, como profundidade, como qualidade de ensino, como reforma da graduação, como graduação um fim em si mesmo tenha de fato condições de viabilidade imediata. Isso se fará a partir de um aprendizado que todos nós fomos desenvolvendo juntos e de que eu participei na qualidade de coordenador geral da universidade e de vice-reitor. É o momento em que, respondendo rapidamente a uma questão que me fizeram (se eu vou dar continuidade ao projeto do Prof. Paulo Renato): o projeto do Prof. Paulo Renato era o projeto de uma equipe, eu participei desta equipe desde o momento inicial da sua elaboração. Hoje a equipe em que nós nos integramos é uma equipe de que fazem parte muitas unidades, de que fazem parte muitos diretores, de que fazem parte muitos docentes, uma equipe que evoluiu no sentido não de se caracterizar como um grupo fechado mas que soube abrir-se à voz do outro, soube ouvir a diferença e, ouvindo a diferença propôs-se exatamente não como continuidade no sentido do continuísmo imobilista, mas como continuidade daquilo que está por fazer ainda e como ruptura que deverá haver no momento adequado dado o salto de qualidade que nós daremos inevitavelmente. Obrigado.

PROF. CELSO: Para encerrar, eu gostaria de responder algumas perguntas que eu não havia, no início, respondido. Eu entendo que o reitor, para poder ter a possibilidade de ser reitor, para poder assumir e se comprometer em desenvolver um programa, deve ter um respaldo da comunidade universitária expresso nos 3 segmentos, expresso por meio do voto secreto. Entendo também que a eleição de diretor é fundamental e, no caso das unidades, deveria ser enviado um único nome, para poupar o reitor de ter que escolher o primeiro nome. Agora, caso isso ainda continue, no início do mandato, e caso eu seja o reitor, eu escolherei sempre o primeiro nome. Com relação à Estatuinte, já disse bastante e gostaria de, sendo reitor, vê-la funcionando, de início, associada a um plano diretor. Eu vejo que são eventos que devem acontecer simultaneamente nesta universidade. Nós carecemos de um plano diretor que contemple desde aspectos acadêmicos, científicos, tecnológicos, até mesmo aspectos físicos do campus, como a ocupação física: quando, onde será ocupado, por quem e com qual provisão. Carecemos de uma prefeitura forte. Entendo que a prefeitura do campus deva ser uma prefeitura bastante forte. Não sou candidato a prefeito do campus, sou candidato a reitor, mas entendo que a prefeitura deve ser

suficientemente forte para gerir os nossos problemas internos (Não chocar a prefeitura com o CGU).

Recursos humanos — O nosso alunado deve ser realmente estimulado e sou favorável à avaliação de professores de acordo com critérios que passem também pelos departamentos, que já estão analisando as outras atividades e terão que fazer a ponderação entre: se o indivíduo é bom professor, se é um pouco pior pesquisador e vice-versa, porque nós não somos perfeitos em todas as nossas atividades. É necessário que, no conjunto delas, nós sejamos satisfatórios. Acho que deve haver uma ponderação entre isto e, inclusive, se estudar (aliás, eu estarei fazendo esta proposta, por força da criação da Universidade Tecnológica, na próxima reunião do CRUESP) a possibilidade de horizontalização. No horizontal, o bom professor também deve poder crescer. Com relação aos nossos alunos, em se dando

festar a necessidade de um estímulo a eles, do tipo que ocorre no Centro de Engenharia do Petróleo, em que o professor tem o estímulo de, em tendo o seu trabalho publicado no exterior, ter sempre a possibilidade de expô-lo no respectivo congresso, desde que antes tenha submetido o seu projeto a dois órgãos de financiamento e não tenha sido rejeitado por mérito por nenhum deles. A partir daí, o próprio Centro banca a ida do professor. Nós temos que montar um sistema desses para todos os professores, bem como estímulos ao pesquisador e também às tarefas docentes. Isso passa desde a qualidade do giz, até a possibilidade de intercâmbio com outras Universidades neste Estado. Neste caso, a Universidade Tecnológica é uma das que mais vai precisar deste intercâmbio para que continue no seu processo de nascimento, nascendo forte. Muito obrigado, eu agradeço a oportunidade de poder expor minhas idéias aqui para vocês.

Prof. Celso

“Centros de “asilo” ou “exílio” devem ser revistos”



toda a infraestrutura necessária para as aulas, sala com conforto térmico, com conforto acústico, logicamente não dentro deste padrão “bloquinho” que não tem conforto acústico e não tem conforto térmico. É possível atender o nosso alunado com recursos áudio-visuais e tudo o mais. Estas foram algumas das iniciativas — por exemplo, climatizar os bloquinhos — que deram certo, com relação ao prédio de Engenharia Mecânica. Com relação aos funcionários, eu vejo a importância, ainda dentro da formação de recursos humanos, desta possibilidade de cursos que possibilitem requalificar o funcionário para exercer, cada vez cargos mais altos dentro da carreira. Possibilitar aos funcionários, sejam eles técnicos administrativos ou de laboratório, trabalhar em expectativa e preenchendo os cargos que certamente serão disponíveis por evolução na própria carreira. Finalmente, com relação aos professores, no meu minuto final, eu gostaria de mani-

HELENA: Antes de encerrar, gostaria em nome da ADUNICAMP de dizer que nós consideramos que foi um debate realmente interessante, profundo, tanto nas questões, como na posição dos candidatos. Quero esclarecer um ponto com relação a uma questão sobre a ADUNICAMP. Como é a entidade que está promovendo este debate, nós não colocamos muitas questões do que se entende como reivindicações sindicais. A reivindicação da ADUNICAMP é de que enquanto entidade, nós possamos fazer parte das comissões (e não das instâncias administrativas da Universidade) que são criadas ao nível do Conselho Universitário para discussão das questões acadêmicas, ou seja, discussões de regimento de carreira, de regimento de pós-graduação, de regimento de graduação, questões que a ADUNICAMP sempre teve presença muito ativa ao nível do Conselho Universitário. Isto não é só na nossa gestão, mas também em gestões anteriores. Foi

na gestão do Prof. Eliézer inclusive, que a ADUNICAMP organizou os primeiros simpósios, na gestão do Prof. Paulo Renato também, muitos dos quais as conclusões constam hoje dos estatutos da Universidade. Então, não é uma reivindicação absurda e nem é uma reivindicação sindical. É uma reivindicação para que seja reconhecida nossa legitimidade para discutir estas questões assim como as questões salariais. Nossa reivindicação não é a de participar das instâncias, da câmara de administração, da câmara de pesquisa porque nós entendemos perfeitamente qual é o papel de uma entidade representativa de cada segmento. Um outro ponto é que ficaram questões pendentes no debate, no nosso ponto de vista. Por exemplo, com relação ao pessoal do Conselho Social. A discussão da Lei Orgânica das Universidades e que irá regulamentar a Legislação do Ensino Superior do Estado e que nós — enquanto entidades — só tomamos conhecimentos dia 17 numa reunião com o Prof. Belluzzo e que, segundo informe dele, os reitores já estão encaminhando esta discussão. Esta é uma reivindicação que nós também temos. As entidades e a comunidade como um todo, têm que ser ouvidas com relação à forma como ensino superior vai se estruturar no Estado de São Paulo.

Outras questões como Avaliação Social da Universidade, que mecanismos vão se instituir para que a Universidade se avalie (estava embutida na nossa segunda pergunta: como é que vai ser feita esta avaliação das linhas de pesquisa, dos cursos de graduação, dos cursos de pós-graduação); outro ponto com relação à carreira também; que há divergências, inclusive entre os candidatos e com a ADUNICAMP com relação ao início da carreira — manutenção do MS-2, por exemplo de junção dos níveis 4 e 5.

Estas questões não foram, e nem poderiam ser, esgotadas num primeiro debate. Nós faremos outros 2 debates, um no dia 8 de março e outro no dia 21 de março, além dos debates com o DCE dias 14 e 20 de março no Ginásio, com interrupção das atividades acadêmicas. O DCE também anuncia que o segundo número do Guia da Sucessão está para sair com o tema “Pesquisa e Política Científica” onde a ADUNICAMP tem um artigo (o número está a disposição no DCE). Então, nós consideramos que outros debates devam aprofundar ainda mais estas questões.

Gostaríamos aqui, de agradecer a presença — principalmente — dos funcionários e dos diretores da ASSUC e Coordenadoria do DCE; agradecer a presença dos colegas e também, todo o empenho da APEU, que pôde gravar e facilitar ao máximo a organização, para que este debate fluísse tranquilamente.

Então é isto minha gente, muito obrigada, a gente agradece e convida para os próximos debates.